

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Pedro Zille Dutra

**O PENSAMENTO DE DERRIDA E A HOSPITALIDADE:
ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE CALOUROS NO CURSO DE
HOTELARIA NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA.**

Sorocaba/SP
2008

Pedro Zille Dutra

**O PENSAMENTO DE DERRIDA E A HOSPITALIDADE:
ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE CALOUROS NO CURSO DE
HOTELARIA NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA.**

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de
Sorocaba, como exigência
parcial para obtenção título de
Mestre em Educação.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria
Lúcia de Amorim Soares**

**Sorocaba/SP
2008**

Dutra, Pedro Zille

O Pensamento de Derrida e a Hospitalidade: Análise da recepção de calouros no curso de Hotelaria na Universidade de Sorocaba / Pedro Zille Dutra. – 2008

53p;

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia Amorim Soares

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2008.

Pedro Zille Dutra

**O PENSAMENTO DE DERRIDA E A HOSPITALIDADE:
ANÁLISE DA RECEPÇÃO DE CALOUROS NO CURSO DE
HOTELARIA NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA.**

**Dissertação aprovada como
requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre no Programa
de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Sorocaba.**

Aprovado em: 18/11/2008

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Viviane Melo Mendonça

Prof. [Dr. Paulo Celso da Silva](#)

Dedico este trabalho aos meus pais José Vicente Dutra e Julieta Zille Dutra, pela possibilidade da minha existência. Aos meus irmãos Paulo Zille Dutra, Maria Antonia Zille Dutra e Maria José Zille Dutra que de longe acompanharam minha trajetória em busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua iluminação e força nos momentos em que mais preciso e aos meus pais, José Vicente Dutra e Julieta Zille Dutra, pela possibilidade de minha existência e a capacidade por meio da inteligência, legado supremo do ser humano.

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. Sou profundamente grato a todos por terem compartilhado e participado comigo na realização desta pesquisa.

Gratidão especial a minha orientadora e pesquisadora Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Amorim Soares, pelo apoio e encorajamento no momento e na hora certa, com a minha expressão de reconhecimento e respeito por ter possibilitado a abertura do caminho e o desejo do conhecimento, conduzindo-me pela pesquisa com conhecimento e segurança e, que brotaram em possibilidades de novas formas de ver o que ainda não tinha sido contemplado na ótica da hospitalidade na produção de conhecimento.

A minha esposa Isabel Cristina Soares Dutra e ao meu filho Pedro Paulo Zille Dutra que muitas vezes na busca de um aconchego me indagava: *pai você ainda não terminou?* Meu carinho e admiração na compreensão que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho.

A todos que de uma forma direta ou indiretamente contribuíram por meio de seus comentários, observações e pontos de vista de forma voluntária e amiga, e pelos seus comentários e indagações, que foram de suma importância para a qualidade final do trabalho. Minha gratidão e reconhecimento.

Aos colegas de trabalho do Laboratório de Hotelaria, pelos inesquecíveis momentos de compartilhamento e aprendizado interativo e apoio mútuo que vivemos.

A Universidade de Sorocaba e a Fundação Dom Aguirre pela concessão da bolsa para o mestrado.

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento; a força da vontade é a energia do caráter; a força do coração é o amor.

Ludwig Feuerbach

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto tratado, o pensamento de Derrida e a hospitalidade: análise da recepção de calouros no curso de Hotelaria na Universidade de Sorocaba de maneira qualitativa. Tem como objetivos analisar a hospitalidade na Universidade de Sorocaba, a partir do referencial teórico de Jacques Derrida. Compreender a importância do acolhimento e das interações humanas no ambiente universitário e as práticas de recepção aos calouros no curso de Hotelaria, tendo como base a hospitalidade. As referências teóricas apóiam-se em Jacques Derrida, com especificidade para Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003 e o Olho da Universidade. Trad. de Ricardo Luri Canko e Ignácio Antonio Neis. São Paulo: Estação Liberdade, 1999; Nada de Hospitalidade, Passo da Hospitalidade. In Jacques Derrida; Anne Dufourmantelle. Da hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003; Carlos Skliar (org.). Derrida & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; Lúcio Grinover. A hospitalidade, a cidade e o turismo. São Paulo: Aleph, 2007; Antonio Álvaro Soares Zuin. O trote na universidade. Passagens de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez Editora, 2002. Os procedimentos adotados abarcam pesquisa bibliográfica, documentação fotográfica, registros históricos do curso quanto a prática do acolhimento dos alunos. A escolha desse tema, amarrado a necessidade de pesquisar e pensar a hospitalidade na Universidade, surgiu em razão da importância de se compreender as questões das interações humanas no ambiente universitário, que Derrida afirma ser “um lugar explosivo, onde há dificuldade em querer dizer, em querer-se-dizer,” o que nos levará a relacionar os aspectos sociológicos e filosóficos da hospitalidade, e das relações existentes entre o veterano e o calouro, entre o mestre e o doutor, o educando e as diversas áreas do conhecimento, permitiu os seguintes resultados: 1 – a necessidade de colaborar com a produção do conhecimento, embasado em Jacques Derrida, no que se refere a questão da hospitalidade humana como uma prática: o que implica em acolher o outro enquanto outro; 2 - Pensar a prática da hospitalidade na Universidade, enquanto um lugar explosivo, de diferenças, de questionamento, de produção de conhecimento e no como os alunos serão recebidos e inseridos no ambiente acadêmico, operando o acolhimento ao outro que chega como o estranho, o calouro, o deficiente, o funcionário e o professor.

Como conclusão final a dissertação afirma que cada vez que encontramos outra pessoa estamos a entrar em contato com um segredo, com um universo totalmente desconhecido e distinto de qualquer realidade existente que só será possível de ser decifrado pela criação de laços de proximidade pela prática da hospitalidade.

Palavras chaves: Hospitalidade; Acolhimento; Calouros; Jacques Derrida; Universidade de Sorocaba.

Linha de Pesquisa: O cotidiano escolar.

ABSTRACT

This dissertation has as treated object, the thought of Derrida and the hospitality: analysis of the reception of freshmen in the course of Hotelaria, the University of Sorocaba in qualitative way. It has as objectives to analyze the hospitality in the University of Sorocaba, from the theoretical referencial of Jacques Derrida. To understand the importance of the shelter and the interactions human beings in the university environment and the practical ones of reception to the freshmen in the course of Hotelaria, being had as base the hospitality. The references theoreticians support themselves in Jacques Derrida, with especificidade for Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida to speak of the Hospitality. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Listening, the 2003 and Eye of the Universidade. Trad. of Ricardo Luri Canko and Ignácio Antonio Neis. São Paulo: Station Freedom, 1999; Nothing of Hospitality, Step of the Hospitality. In DERRIDA, Jacques; DUFORMANTELLE, Anne. Of the hospitality. São Paulo: Listening, 2003; Carlos Skliar (org.). Derrida & the education. Beautiful Horizon: Authentic, 2005; Lúcio Grinover. The hospitality, the city and the tourism. São Paulo: Aleph, 2007; Antonio Alvaro Soares Zuin. The trot in the university. Tickets of an initiation rite. São Paulo: Cortez Editora, 2002. The adopted procedures they accumulate of stocks bibliographical research, photographic documentation, historical registers of the course how much the practical one of the shelter of the pupils. The choice of this subject, landed on water necessity to search and to think the hospitality about the University, it appeared in reason of the importance of if understanding the questions of the interactions human beings in the university environment, that Derrida affirms to be “an explosive place, where has difficulty in meaning, in want-if-saying,” what in it will take them to relate the sociological and philosophical aspects of the hospitality, and the existing relations between the veteran and the freshman, between the master and the doctor, educating and the diverse areas of the knowledge, it allowed the following results: the 1 - necessity to collaborate with the production of the knowledge, based in Jacques Derrida, in what it is mentioned the question of the hospitality human being as practical one: what it implies in receiving the other while another one; 2 - To think the practical one of the hospitality about the University,

while an explosive place, from differences, questioning, production of knowledge and in as the pupils will be received and inserted in the academic environment, operating the shelter to the other that arrives as the stranger, the freshman, the deficient one, the employee and the professor.

As final conclusion the dissertação affirms that each time that we find another person we are to enter in contact with a secret, with an unknown and total distinct universe of any existing reality that will only be possible of being deciphered by the creation of proximity bows for the practical one of the hospitality.

Words keys: Hospitality; Reception; Freshmen; Jacques Derrida; University of Sorocaba.

Line of Research: The daily pertaining to school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
1. JACQUES DERRIDA E A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE.....	05
2. A UNIVERSIDADE	13
2.1 O Olho da Universidade.....	16
2.2 Histórico da Universidade de Sorocaba.....	18
2.3 A Identidade, Acessibilidade, Recepção e o Acolhimento.....	20
3. O PROCESSO DE RECEPÇÃO DE CALOUROS NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA - O CASO DO CURSO DE HOTELARIA.....	28
3.1 O trote como rito de passagem.....	30
3.2 A hospitalidade e a tolerância.....	34
3.3 O trote solidário como alternativa ao trote violento.....	36
3.4 A recepção dos calouros no Curso de Hotelaria.....	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Na busca por um abrigo para construir minha dissertação, voltei-me para a Universidade de Sorocaba – Uniso, um lugar do questionamento, do pensar e do repensar, do encontro e do desencontro, onde se pensa e se diz publicamente. Nele encontramos pessoas vindas de outros lugares, de cidades e até de países distantes, que trazem seus costumes e sua cultura, expectativas e experiências acumuladas e a acumular na busca de novos saberes. Ao chegarem, se deparam com a “cidade universitária”, nascida em 30 de julho de 1999, maior sonho dos continuadores da obra iniciada pelo primeiro bispo de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre (1880 – 1973), patrono da Instituição; com o compromisso de formar profissionais altamente capacitados a atuar nas diversas áreas do conhecimento.

A vocação da Uniso é de estar inserida na comunidade local e regional, preocupada com os problemas sociais e em busca de suas soluções, como afirma em sua missão: *Ser uma Universidade Comunitária que, através da integração do ensino, da pesquisa e da extensão produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e Região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos.* É Comunitária, tanto pela propriedade como pela gestão, ou seja, da comunidade para a comunidade, não pertencendo a um empresário ou a grupo econômico, logo sem fins lucrativos, realiza sua missão na interação com a comunidade, é mantida por uma pessoa jurídica, de direito privado e sem fins lucrativos. Por isso, para gerenciá-la, além do Conselho Superior da sua Entidade Mantenedora, presidida pelo Arcebispo da Arquidiocese de Sorocaba e integrada por nove membros da sociedade sorocabana, a Uniso conta com colegiados constituídos por gestores, professores, alunos, funcionários e representantes da Prefeitura Municipal, da Câmara Municipal, da Ordem dos Advogados do Brasil e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Como Vannucchi (2004.p.32) aponta:

Universidade comunitária é uma universidade instituída, mantida e supervisionada por uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, gerida por colegiados constituídos de representantes de professores, alunos e funcionários e da entidade mantenedora, bem como da sociedade em geral.

A universidade comunitária compreendida desta forma deve ser regida por um forte compromisso com a responsabilidade social por meio de ações de prestação de serviços e projetos de extensão que atendam os interesses desta mesma comunidade. A universidade pensada desta forma deve possibilitar a formação de sujeitos que farão a intervenção no âmbito social.

Como professor e Coordenador do Curso de Hotelaria da Universidade de Sorocaba, enquanto aluno do Curso de Pós-Graduação – nível Mestrado, encontrei em Jacques Derrida, a questão da hospitalidade humana como uma prática, fato que implica em acolher o outro enquanto outro, prestada sobretudo pelo aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona aquele que o acolhe. Isto implica em perceber o outro como ele é e compreender a sua história e a sua linguagem.

Pensar a hospitalidade na Universidade é pensar na necessidade, no caso desta pesquisa, junto a alunos no como serão recebidos e inseridos no ambiente acadêmico, operando o acolhimento ao “outro” que chega como o estrangeiro, o calouro, o deficiente, o estrangeiro, o funcionário e o professor.

No primeiro capítulo – JACQUES DERRIDA E A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE, faço uma leitura do tema, na ótica do pensador francês que aborda a hospitalidade humana, sobre a questão do estrangeiro, da lei da hospitalidade, do outro, do acolhimento, do lugar e do espaço, a tolerância e a hospitalidade que se estabelecem como alicerce para a compreensão da questão da hospitalidade. No segundo capítulo – A UNIVERSIDADE, trago a reflexão sobre a universidade à luz, também de Jacques Derrida, enquanto um lugar explosivo e de diferenças, de espaços e relações, principalmente a da convivência, da legibilidade, dos acessos e dos processos históricos da Universidade de Sorocaba e a questão da recepção e do acolhimento ao que chega. Apresento um recorte sobre a sua inserção no contexto local e regional a partir de sua missão. Trago ainda uma reflexão sobre a questão da identidade, acessibilidade, recepção e o acolhimento. O terceiro capítulo, O PROCESSO DE RECEPÇÃO DOS CALOUROS NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA – O CASO DO CURSO DE HOTELARIA aborda um olhar sobre aspectos do trote como rito de passagem, a questão da hospitalidade e a tolerância, o trote solidário como uma proposta oposta ao trote violento, a recepção dos calouros no curso de Hotelaria.

Além das consultas bibliográficas, recorreu-se a pesquisa nos documentos existentes na universidade que tratam da questão da recepção dos calouros anos de 2006 à 2008, assim

como os registros fotográficos que permitiram entender as práticas de recepção aos calouros na Universidade de Sorocaba, campus Cidade Universitária.

Nas considerações finais, remeto-me à essência da verdadeira hospitalidade na concepção de Derrida, (2005, p.51) onde a *minha relação com o Outro se deve pautar pela sua recepção e acolhida, e na escuta à questão do outro*. Na universidade, para que haja integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, e a universidade possa “ser” o que pretende ser, compreender a questão da hospitalidade é uma questão central, visto poder contribuir para a construção de um ambiente propício à produção, reprodução, à geração e aquisição do conhecimento.

1. JACQUES DERRIDA E A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE

A hospitalidade, segundo Derrida (2003 A), é vista como uma reciprocidade de responsabilidade entre o *eu* e o *outro*, enfocando o crescimento das relações provenientes desse encontro e do contato estabelecido entre aquele que a princípio nos parece diferente, por características físicas ou culturais, ou até mesmo por ser desconhecido. De um ponto de vista, o desconhecido se torna conhecido pela sua identidade.

Interessa descobrir o que dá a uma coisa ou pessoa a sua natureza essencial, o que faz com que uma coisa seja aquilo que ela é e não outra coisa. De um ponto de vista teórico, os conceitos de identidade e diferença aparecem intrinsecamente ligados um ao outro. A identidade de algo implica sua diferença de outras coisas. Na perspectiva derridiana, os conceitos de identidade e diferenciação se contrapõem nada é em si mesmo, tudo só existe em um processo de diferenciação. Assim, a identidade não é algo, mas é efeito que se manifesta em um regime de diferenças, num jogo de referências. A identidade é sempre mediada pela diferença, assim como a linguagem (signos para Derrida) é a condição da síntese na consciência. Além disto, o lugar é um espaço simbólico aonde o homem vai tecendo as relações com os que nele se encontram, tendo as suas experiências individuais e coletivas. Por esta razão, os contatos humanos são a base e uma forma peculiar de transformar a sua identidade. Cada experiência vivenciada perturba a identidade, sem eliminá-la, levando-a a “desconstrução” e não a destruição, em uma convivência entre o eu e o outro.

Para Derrida (2004, p.33), a *différance* não tem limite, *permite pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limites: quer se trate de limites culturais, nacionais, lingüísticos ou mesmo humanos. Existe a différence desde que exista traço vivo.*

A *diferença* está no jogo de se remeter ao outro, em adiar e retardar a presença em um movimento ativo e passivo, que consiste em diferir a partir do qual as referências são constituídas, num devir permanente em que se substitui a identidade fixa pelos efeitos contínuos de um processo de deslocamento. O diferir é o não ser idêntico, ser outro, dessemelhar-se, diferenciar-se, distinguir-se, não ser o mesmo e ser o oposto. *Para relacionar-me com o Outro devo colocar-me frente a ele em completo abandono; pois ele é o que eu ainda não sou, pois não falo a sua língua e nem ele a minha, ele é sempre estrangeiro. A diferença é ao mesmo tempo, oposição e distinção, um movimento, um traço vivo a ser contemplado e observado, ela é ao mesmo tempo o outro.*

A diferença é, portanto um atributo da relação da dificuldade que se dá no contato com o outro. É nela que nos coloca em confronto e que cria o desafio do face-a-face. Nas palavras de Skliar (2005, p.52):

A diferença se produz pelo conhecimento do outro e coloca condições na relação, uma relação de estar com o outro, lado a lado, de fazer uma analogia do mesmo. A diferença é reconhecida, aceita, tolerada e respeitada. A diferença tematiza o outro, tornando-o faces do mesmo. As diferenças são cores, gêneros, idades, classes de um único mesmo.

A hospitalidade pura e incondicional, a hospitalidade em si, abre-se ou está aberta previamente para alguém que não é esperado e nem convidado, para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém-chegado, não identificável e imprevisível, em suma, o totalmente outro. A hospitalidade associa-se ao comportamento e a interação humana, sendo assumida de forma voluntária, pois envolve pessoas, e pode variar na sua função, razão e forma, mas, na essência, é sempre a mesma.

Há no humano uma possibilidade do encontro. Este encontro é marcado sempre de uma surpresa, uma vez que acontece sem aviso ou notificação prévia e sem regra definida de antemão. O visitante interrompe o curso da existência cotidiana com a sua chegada inesperada e dessimétrica a qualquer configuração espacial. O visitante faz com que apareça no eu uma generalidade que o leva a acolher, a dar uma resposta à prática da hospitalidade, se aproximar do outro e criar uma relação, a do acolhimento. Acolher o visitante é receber além da capacidade do acolhimento, e acolher além daquilo que é possível acolher, é ultrapassar a recepção do convidado, pois este eu sei a hora e o momento da sua chegada. O visitante requer, portanto, o acolhimento imediato, sem preparo, na urgência de um instante, pois ele é o recém-chegado, sem aviso prévio, e acolhê-lo sem limites é o imperativo da hospitalidade incondicional. Este Outro não é outro que eu possa compreender pela empatia. Ele é sempre um mistério essencial, nunca conhecido nem conhecível. O homem só pode ver o mundo com os olhos do homem, com os sentimentos do homem, com os desejos do homem e com a singularidade de cada um. Esta relação requer uma sensibilidade: a da proximidade. O outro desperta em nós um sentido ético que nos remete ao momento do nosso nascimento; quando chegamos a este mundo somos acolhidos em um lugar por alguém que chamamos de pai ou mãe, o que cria em nós o sentido da responsabilidade pelo outro que chega e ocupa um espaço, construindo nele a sua identidade.

A hospitalidade é, por conseguinte e em primeiro lugar, a exposição incondicional e incalculável ao que acontece, à vinda do que quer que venha, ou como dizia Derrida: “quem quer que seja”. É o acontecimento singular, excepcional e surpreendente do que chega ou acontece, ao marcado pela indiferença, mas pela diferença. A este Derrida chama “absolutamente outro” ou “outro absoluto” porque é único e absolutamente (do latim *absolus*) separado do horizonte intencional e do tempo cronológico. Acolhê-lo é acolher para além da capacidade do próprio ato de acolher.

Cada experiência pode ser percebida pelo outro como positiva ou negativa, de acordo com a sensibilidade do ser humano, ou seja, a maneira como cada um sente e percebe a experiência, como é percebido aquele que chega. Esta realidade requer uma consciência do *eu penso* de Descartes para um *cogito* hospitaleiro de Derrida, significando um eu que acolhe porque existe ali em um lugar. É então, neste ou naquele lugar que nos coloca na dimensão da abertura ao outro que vem. Essa proximidade que o outro nos coloca, nos atinge mesmo antes que eu possa reconhecê-lo ou ter mesmo uma imagem sua e até o seu nome. Assim, na concepção da verdadeira hospitalidade por Derrida, o outro é o totalmente desprovido de nação, raça ou nome, mas que me traz a consciência da própria consciência da existência. O outro é entendido como aquele que nunca esteve presente ao nosso encontro. Ele é o próprio sinal do seu existir.

Aquele que chega, mesmo sem avisar, surge diante do eu e impossibilita a indiferença, mas que traz a “diferença”, desperta a responsabilidade de receber o que chega, traz em si uma linguagem que não precisa de tradução para compreendê-lo; ele é o próprio dizer antes de ser dito. É a expressão do convite a hospitalidade, sem a qual a sua prática não seria possível. A hospitalidade joga-se neste desejo e, com ela, a constituição de toda a instância de acolhimento: a casa será a construção inventiva do hóspede acolhido. Toda a instância acolhedora constitui-se e institui-se nesta cadeia de substituições significantes: é o convidado que traz a regra do seu convite, convidando-se, portanto, convidando aquele que o convida a convidá-lo. Se convite há, é sempre do outro: é o outro que, no seu apelo original, convida ao acolhimento incondicional, um convite irrecusável porque é pré-volitivo.

Acolher o outro, deixar que ele seja o outro que é jamais poderá ser o resultado previsível de um ato, pensamento ou palavra, mas somente poderá se dar em atos e atitudes reveladoras do acolhimento ao outro que chega. A medida da ação é o reconhecimento de que se é destinado pelo ser e estar aberto, o que implica em cuidar e conservar a morada, o local, o espaço, o mundo no qual o existente co-habita com o outro, acolhendo-o como hóspede de

uma morada que a nenhum dos dois pertence. O eu passa a existir e co-habitar ao lado do outro independentemente do que determinam as leis jurídicas e políticas tradicionais.

Segundo Derrida (2003 A, p. 73):

(...) porque para ser o que ela deve ser, a hospitalidade não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever: grátis, ela não “deve” abrir-se ao hóspede nem “conforme o dever”, nem mesmo, para usar ainda a distinção Kantiana, “por dever”. Essa lei incondicional da hospitalidade, se pode pensar nisso, seria então uma lei sem imperativo, sem ordem e sem dever.

A hospitalidade é antes de tudo uma atitude do eu em relação ao outro, ou seja, como me posiciono em relação a ele. Este posicionamento frente ao outro implica em uma abertura para o acolhimento, para a convivência e para a troca. É um ato voluntário de a-colher, uma ação da vontade que resulta em uma ação e relação entre duas pessoas, implicando na execução de uma atividade com o outro. A hospitalidade se manifesta nas relações que envolvem ações de receber e de acolher e o compartilhar valores. Derrida ao falar da hospitalidade em seu livro *Da Hospitalidade* (2003 C) aborda a questão do estrangeiro, o seu estatuto político e a questão da linguagem. Por não compartilhar a mesma linguagem, o estrangeiro deve ser recebido com mais tolerância e não com hostilidade. Desta forma, hospedar o estrangeiro, o estranho torna-se uma questão condicional, de direito. Dependendo de quem é, de onde vem, se tem nome ou não, serei capaz de recebê-lo ou não. Derrida evoca, contudo, a concepção de outra espécie de hospitalidade, que denomina a hospitalidade absoluta, onde se recebe o Outro sem lhe perguntar o seu nome e, até mesmo exigir reciprocidade; *o outro é sempre estrangeiro que não fala a minha língua*. O oposto disso, quando, por exemplo, nos sentimos invadidos, violados por aquele que chega e por isso construímos um limiar onde o hospedeiro calcula os riscos e as conseqüências que aquele que chega anonimamente traz ao atravessar o limiar. Isto, por sua vez, obstrui e contradiz a aplicação da lei da hospitalidade.

Segundo Jaques Derrida (2003 A, p.25):

(...) a lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito. A hospitalidade justa rompe com a hospitalidade de direito; não que ela a condene ou lhe oponha, mas pode, ao contrário, colocá-la e mantê-la em movimento incessante de progresso; mas também lhe é tão

estranhamente heterogênea quanto à justiça é heterogênea no direito do qual, no entanto, está tão próxima.

Por um lado, há a lei da hospitalidade incondicional e de outro, as leis que regulam na prática as condições da hospitalidade condicional e jurídico-política. Para Derrida a prática da hospitalidade incondicional e a do direito são contraditórias.

A hospitalidade se traduz como uma atividade que potencializa relações e o processo de acolher, abrigar, de perceber necessidades, até as especiais, de inserir, de estabelecer relações sócio-afetivas, informar e o compartilhamento de conhecimentos e valores entre o anfitrião e o que chega. A hospitalidade implica em um ritual, o da chegada, o que acolhe o outro que vem da cidade, do bairro, de um território, de um espaço para um novo, a ser socializado.

Neste aspecto, tenho que abrir as portas e ao abri-las corro o risco, e como “distinguir entre um hóspede (guest) e um parasita?”. O hóspede é aquele que se beneficia do direito a hospitalidade, mas porque abrir a porta? Pois segundo Derrida (2003 A, p. 53-55):

(...) o desenvolvimento atual das técnicas reestrutura o espaço de tal maneira que aquilo que constitui um espaço de propriedade controlado e circunscrito fica ele próprio aberto à intrusão. Isto, dizendo mais uma vez, não é absolutamente novo: para constituir o espaço de uma casa habitável e um lar, é preciso também uma abertura, uma porta e janelas, é preciso dar passagem ao estrangeiro. Não existe casa ou interioridade sem porta e sem janelas.

É o querer aprender com o outro que chega, com uma bagagem que não conheço, mas que ao abrir revelará a sua verdade, e só assim é que o hospedeiro poderá suprir a sua necessidade e diminuir o impacto da chegada.

Ficamos ao lado do outro, no mesmo espaço, mas muitas vezes não sabemos nada dele. Como consequência não há o encontro, mas desencontros, sem produção de contatos. Não prestamos atenção àquele que chega e que traz uma esperança, a de ser acolhido e de ser o que é em sua essência. O espaço, em latim, *spatium*, é o *local onde os corpos se encontram*, lugar onde temos então o espaço como representação da nossa imaginação é o espaço como estabilização, um modo de conter o temporal, achata a vida fora do tempo. O mundo vivido está aí para ser representado, conceituado e descrito.

Para Grinover (2007 p.82-83):

A hospitalidade é um dom do espaço: espaço a ser lido, atravessado ou contemplado;.. o espaço vivido é identificado como espaço total que reúne três dimensões: o conjunto dos lugares freqüentados pelo sujeito (o próprio espaço da vida), as inter-relações sociais imbricadas e os valores psicológicos que são projetados e percebidos.

E o espaço como objeto em-si-existente, uma reflexão *a priori* que nós impomos ao mundo. O espaço é o modo de apreensão de objetos exteriores, e o tempo, um modo de apreensão do próprio interior do sujeito. Tempo e espaço, são apenas modos através do qual o sujeito conhece a realidade. O espaço, uma vez que é uma forma pura a priori, só pode ser visto pelo olho da mente, assim como um polígono de dez mil lados também só é visível para o olho da mente. Há, portanto, uma mediação entre o espaço e o tempo e somente desta forma é possível a percepção. E a respeito do lugar, Derrida (2003 A, p. 28) diz que:

(...) quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de outro.

A idéia de que o tempo e o espaço não podem ser compreendidos independentemente, em particular como o próprio significado e a própria percepção do tempo e do espaço variam, e esta variação afeta valores individuais e processos sociais que é uma condição da vida pós-moderna, marcada por uma sociedade global sem fronteiras.

Há concepções espaciais que proporcionam maior interatividade humana e causam experiências vitais, únicas que marcam a vida dos seres humanos. A utilização do espaço, a acessibilidade ao mesmo, constitui uma linguagem, no pleno sentido da palavra, uma vez que se trata de um significado e que têm uma relação íntima com o indivíduo. Ocupar um espaço pelo ser humano está relacionado à questão de território e de domínio, que de outro lado, pressupõe uma escolha e um acesso livre. A busca por lugares e ambientes que sejam acolhedores e aconchegantes, com calor humano, desperta no homem a necessidade de sair para se reabastecer em espaços ainda não vivenciados e através deles a realização de necessidades, desejos e anseios. O homem que viaja e que é acolhido em um lugar, está em um novo espaço que é desconhecido para ele. Ele se sente desenraizado, fora do seu território.

Ele não é o mesmo homem do seu ambiente habitual e não deixou o seu domicílio voluntariamente, mas foram as circunstâncias que o levou a mudar. Em um lugar desconhecido ele se sente em perigo, desprotegido e inseguro. Este desconhecido provoca automaticamente um reflexo de defesa. Ele se põe em guarda.

Derrida (2003 A p.25) enfoca uma hospitalidade considerada incondicional, ou seja, o *eu* estar aberto para acolher o *outro*, que se apresenta anonimamente, não se identificando e pretendendo ficar no anonimato; a margem de suas necessidades e com medo de não ser aceito pela discriminação do que se diz mestre e veterano. A este que se aproxima, e não faz parte do convívio, do espaço, devendo oferecer-lhe um lugar para chegar, ficar e fazer a experiência do contato e do conhecimento, dividindo o que se tem com o que chega. Desta forma, o que a princípio nos parece diferente, se nos apresenta como alguém que traz a sua história, a experiência que não temos e com ele aprendemos à lição do silêncio, da audição, a do movimento sem movimento e o ver sem o olhar. Segundo Derrida, a hospitalidade não deve ser vista somente como uma aceitação da diferença, mas como um *modus vivendi* e também como um aprendizado que esse contato proporciona para ambos, no momento em que abro a porta para que ele entre para “o interior”. O contato com o outro, faz com que o *eu* exista, o que nos faz entender que o outro é responsável pela sua representatividade, pois pela interação, pode modificar algumas características do *eu*. O outro representa o que o *eu* ainda não tem, o que eu posso ser, a experiência, o contato, o convívio, a cultura que somente é possível com a sua chegada, com modificação das relações e o ambiente que se compõe com o nós. Essa relação de troca é o que faz a diferença no lugar, onde se estabelecem o relacionamento humano, o valor, o estar, e o uso que se faz deste, as trocas que se estabelecem a partir destas relações e caracterizam também uma troca simbólica: a convivência. O ato da hospitalidade aproxima o *eu* desprovido de qualquer tipo de interesse, a não ser o de estar com o *outro* o que cria um vínculo, uma abertura, uma aproximação, um contato, uma interação com pessoas que até então eram estranhas. Ser hospitaleiro significa acolher àquele que não é da família.

O homem gentil, hospitaleiro, prepara a chegada do outro e o acolhe. O que chega, deseja ser reconhecido como um ser humano, isto é, como um ser que é respeitado enquanto ser. Deseja ser reconhecido como aquele que traz a consciência de ser e ser recebido com o respeito ao qual estimamos ter direito. O calouro deseja ser reconhecido como aquele que é desejado e esperado. Ora, é pelo desejo que o homem toma consciência de si mesmo, sobretudo, o de ser desejado, e é no acolhimento que se constrói esta relação de pertencimento. Aquele que chega, necessita de cuidado para se instalar e receber todas as

informações e oferecer-lhe os serviços essenciais necessários. O objetivo destas atitudes é expressar o cuidado e que ele veja por meio das atitudes de quem o acolhe, sua vontade de querer recebê-lo. A recepção deve ser expressa por atitudes daqueles que fazem parte integrante do espaço e está aberto àquele que chega.

Conforme Derrida (2003 B, p.18): *A universidade deveria, portanto, ser também o lugar em que nada está livre de questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia, nem mesmo a idéia tradicional de crítica, como crítica teórica.*

Assim, todos aqueles que chegam para ocupar e conviver neste espaço, o do universitário, ao lado do professor, do reitor, do calouro, do veterano, do saber, mas também o dos olhares diversos, o da linguagem, o da convivência, da desconstrução e reconstrução do novo ao velho, e o da troca de experiências e cultura, a prática da hospitalidade se faz necessária para propiciar um ambiente acolhedor, hospitaleiro e agradável. No espaço, onde se desenvolvem e se efetivam ações pedagógicas, necessárias à construção do conhecimento e dos laços inter-relacionais do desenvolvimento, da sensibilidade, da amizade e cortesia, do calor humano, o outro que chega e traz a sua questão formulada em uma língua que eu não falo e não compreendo. E surge a questão da questão: será possível conviver no meio de tantas línguas?

Derrida (2005, p.54), afirma que:

(...) o outro, o estrangeiro, aquele que não fala a minha língua e cuja língua também não falo, traz a questão da tradução. Somos todos desterrados em nossa própria terra, carregando nossas línguas que nos envolvem como uma pele. Babélicos somos todos. E como viver em Babel?

Desta forma, o encontro em busca da hospitalidade envolve problemas de linguagem, comunicação, assim como incertezas, inseguranças vivenciadas por ambas as partes, aquele que oferta e aquele que busca o acolhimento, seja no cotidiano ou na universidade. Sobre o conflito de comunicação, o autor coloca este como fruto da diferença de língua entre o dono da casa, o rei, o senhor, o estrangeiro. A hospitalidade como processo social e espacial, resultado de interações, trocas entre os envolvidos no processo de busca e oferta de abrigo. Há de se considerar também que o espaço urbano é o resultado da ação do homem e certamente reflete a forma como se organiza e se relaciona, inclusive com este mesmo espaço.

2. A UNIVERSIDADE

Para Jacques Derrida (2003 B), a universidade não é um lugar indiferente. É uma diferença, *é um lugar explosivo, onde há uma dificuldade em querer dizer, em querer se dizer*, ela faz a profissão da verdade e declara, promete um compromisso ilimitado para com a verdade. Desta forma a universidade deve ser compreendida no seu próprio interior. Neste sentido, Derrida defende para a universidade uma *liberdade incondicional de questionamento e de proposição (...) e o direito de dizer publicamente tudo o que uma pesquisa, um saber e um pensamento da verdade exigem*. A universidade é um lugar privilegiado onde se cultiva a reflexão e a crítica sobre a realidade e se elaboram conhecimentos com base científica, onde a realidade seja percebida, questionada, avaliada, estudada em todos os seus aspectos e perspectivas. É um espaço onde inteligências se unem para conhecer, investigar, criar e produzir conhecimento. Nela se questiona, investiga e se propõe soluções de problemas decorrentes da atividade humana em busca de sua identidade social e política. É um lugar onde o ser se constitui na sua plenitude, livre para debater idéias. Para Derrida (2003 B p. 18),

(...) a universidade é um lugar em que nada está livre do questionamento..., Eis, portanto, o que poderíamos, valendo-nos dela, chamar a Universidade sem condição: o direito de princípio de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo.

A universidade concebida como um espaço de debate constante, onde todo e qualquer saber seja produzido sob a ótica de seu possível questionamento e reputação. A universidade tem em si a responsabilidade de buscar desenvolver as condições institucionais e políticas para que a produção e a disseminação de conhecimento possam conviver em um mesmo espaço físico e simbólico, mas de forma questionável e transitória, pois estão sujeitos ao princípio de razão.

Neste sentido Derrida (1999, p. 148), afirma que:

Essa nova responsabilidade de que falo, não se pode falar dela apelando para ela. Seria a de uma comunidade de pensamento para a qual a fronteira entre pesquisa fundamental e pesquisa finalizada não estaria mais assegurada, em todo caso não mais nas mesmas condições de antes. Chamo-a comunidade de pensamento no

sentido amplo (*at large*), e não de pesquisa, ciência ou filosofia, visto que esses valores estão geralmente sujeitos à autoridade não questionada do princípio de razão.

Nessa linha, a razão da existência da universidade, na sua tradição política, na transformação social em todos os tempos é a formação de comunidades que gerem o pensar, as discussões, com o debate público das propostas e posições acadêmicas e científicas entre os docentes, os pesquisadores e fora da universidade. A universidade é um espaço de produção de saberes que precisa ser sistematicamente questionado e como consequência, avaliado. Por isso, cremos que a universidade necessita aprender das formas contemporâneas de sociabilidade e, desse modo, ter melhores condições para ensinar tudo o que Derrida convida a universidade a ser.

As novas formas de relacionamento, as leis da hospitalidade, os *ciberespaços*, produzem novos sujeitos e novas formas de estar conectados no mundo, neste modo de ser, que se adapta, onde cada um tem que ter o seu lugar em um mundo com a sua individualidade, mesmo que não esteja de acordo com o outro. Isto se constitui como uma máxima do mundo pós-moderno, onde segundo Skliar (2005, p. 57),

As tecnologias que surgem na contemporaneidade estão alterando noções de tempo e de espaço. Onde estão os limites entre o público e o privado, o que é minha casa, onde estou *chez-moi*? As tecnologias da informação e comunicação (..) estão sendo construídas e estão produzindo novos tipos de sujeitos. Entre os diversos recursos emergentes na última década, a Internet parece-me particularmente importante para as mudanças a que me refiro. A internet, mais que um novo recurso, já está sendo compreendida como um novo espaço, o *ciberespaço*.

O surgimento do *ciberespaço* cria uma situação de desintermediação, cujas implicações políticas e culturais estão aí para serem analisadas, também pela Universidade, pois esta tem a função de representar a sociedade.

Nesse sentido, a universidade aprende muito dessas formas contemporâneas de sociabilidade e, desse modo de ser neste mundo onde a conectividade flexível e não hierárquica esta se impondo. A universidade contemporânea não pode pautar-se pelo sentido de uma razão auto-suficiente, onde existe a possibilidade de dizer tudo, de poder submeter qualquer conhecimento, ou saber, ou discurso, a debate, a crítica, a questionamento, a

desconstrução. A universidade deve ser capaz de assumir no mundo da inter-conectividade, do ciberespaço, a pesquisa e o ensino como bens sociais e para o bem público, pois neste aspecto, onde estariam os limites entre o público e o privado.

A universidade ao sair de si, como universidade sem condições, para redefinir as fronteiras das possibilidades de seu acontecer. Diz Derrida (2003 B, p. 81-82):

Esse limite do impossível, do ‘talvez’ e do ‘se’, eis o lugar em que a Universidade divisível se expõe à realidade, às forças de fora (quer sejam culturais, ideológicas, políticas, econômicas ou outras). É aí que a Universidade está no mundo que ela procura pensar. Nessa fronteira, ela deve, portanto, negociar e organizar sua resistência. E assumir suas responsabilidades. Não para se fechar nem para reconstituir esse fantasma abstrato de soberania, cuja herança teológica ou humanista ela terá talvez começado a desconstruir, se pelo menos começou a fazê-lo. Mas para resistir efetivamente, aliando-se a forças extra-acadêmicas, para opor, com suas obras, uma contra-ofensiva inventiva a todas as tentativas de reapropriação (política, jurídica, econômica, etc.), a todas as outras figuras da soberania.

Nessa perspectiva, a universidade desenvolverá o seu papel de comprometimento e ao mesmo tempo inserido no contexto do mundo contemporâneo e aberto ao outro e a diferença. Uma universidade que misture integralmente à sociedade, e ao mesmo tempo se diferencie inteiramente, pois a universidade faz a profissão da verdade. Trata-se de uma nova conexão, a da humanidade consigo mesma, um reencontro, um recomeço, uma nova proximidade, outra noção da presença com responsabilidade.

2. 1 O Olho da Universidade

A Universidade de Sorocaba (Ilustração 1) inspirada em valores cristãos e atenta às necessidades da região de Sorocaba é na sua concepção “comunitária” sendo propriedade da comunidade e não do Estado e nem de particulares. É mantida pela Fundação Dom Aguirre, gerida por um Conselho Superior composto de nove membros da sociedade sorocabana e presidida pelo Arcebispo da Arquidiocese de Sorocaba. A Uniso conta com colegiados internos formados por dirigentes, professores, alunos e funcionários e representantes da comunidade.



Ilustração 1 - Vista do complexo Cidade Universitária da Universidade de Sorocaba extraída em 28/10/2007 www.uniso.br

Ao buscar o conhecimento na Universidade de Sorocaba, o aluno se depara com uma realidade nova, e que influenciará o seu modo de pensar, ser e agir. Deverá percorrer por caminhos ainda não trilhados e *ser agentes de transformação* como está expresso em seu Projeto Pedagógico Institucional, resolução do Consu nº 019/07, que define a identidade e a vocação da Uniso por meio de sua missão. Nesta perspectiva, a universidade fundamenta sua vida acadêmica nos valores humanísticos e nos princípios filosóficos da formação humana e

profissional de forma que os conhecimentos teóricos e os saberes práticos sejam colocados à disposição de projetos e consolidação da sociedade democrática, por meio da formação de cidadãos profissionais competentes e comprometidos para enfrentar os desafios das transformações decorrentes das demandas do mundo do trabalho.

A universidade de Sorocaba esta inserida e participa da história e é por essa atravessada, numa relação dialética. Como afirma Anísio Teixeira (1998), quatro grandes instituições fundamentais constroem e condicionam a vida comum: a família, o estado, a igreja e a escola. Embora somente a partir da Idade Média a universidade, tenha se colocado em pé de igualdade com as demais instituições, ela é hoje entendida como uma das grandes responsáveis pela civilização ocidental.

Segundo Teixeira (1998), a universidade é na sociedade moderna uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo, o qual não teria uma existência autônoma, coexistindo tão somente, como reflexo das demais.

Para Teixeira (1998, p. 34):

(...) a história de todos os países que floresceram é a história da sua cultura e, hoje, a história das suas universidades. Sempre a humanidade viveu utilizando a experiência do passado, mas essa experiência atingiu, nos tempos modernos, tamanha complexidade intelectual que, sem a experiência das universidades, grande parte dela se teria perdido e outra grande parte nem chegaria a ser formulada.

A universidade, enquanto instituição voltada para o saber científico, como organismo a serviço da sociedade, e em particular com a sua construção, deve ter por meta o desenvolvimento, a produção do conhecimento por meio da pesquisa, a transmissão do conhecimento por meio do ensino, a preservação do conhecimento e a difusão do conhecimento por meio da publicação. O eixo universidade e sociedade representam uma análise que nos remete a função social da universidade, por meio de um processo educativo, cultural e científico de forma a articular a indissociabilidade do ensino e a pesquisa que viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. O papel da universidade é essencial para o desenvolvimento socioeconômico de um país por meio de novas tecnologias, de mudanças econômicas e sociais que impactam positivamente na riqueza nacional e regional.

2.2 Histórico da Universidade de Sorocaba

A Universidade de Sorocaba diz presente no Município de Sorocaba, no Estado de São Paulo, cidade fundada em 1654, pelo capitão Baltazar Fernandes. Este, já tendo construído a igreja Nossa Senhora da Ponte, atual Igreja de Sant'Ana, do Mosteiro de São Bento, doou também grande gleba de terras aos Beneditinos com a condição de que construíssem o convento e mantivessem escola para os que desejassem estudar. Sorocaba, historicamente ligada aos Bandeirantes e aos Tropeiros, projetou-se ao longo dos anos como pólo de toda a região sudoeste do Estado de São Paulo. A Universidade de Sorocaba – Uniso, tem as suas raízes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba - FAFI. Criada como Faculdade Municipal, através da Lei Municipal nº. 233, tendo como mantenedora a Prefeitura Municipal de Sorocaba, responsável pela parte financeira, e como entidade administrativa, a Diocese de Sorocaba, que só começou a funcionar quando o Bispo de Sorocaba aceitou administrá-la sem vínculos políticos. Foi em 1954, com dois cursos: Pedagogia e Letras Neolatinas, e foi criada em para atuar na formação de professores na condição de Faculdade Municipal. Sendo assim, em 1955 iniciou cursos de Filosofia, Geografia e História, constituiu-se através da lei municipal n. 233, tendo como mantenedora a Prefeitura Municipal de Sorocaba ao que tangia as questões financeiras e a Diocese de Sorocaba como entidade administrativa.

Começo humilde e, paradoxalmente, brilhante para a época, os professores eram de São Paulo e do exterior e os cursos aconteciam no período integral, manhã e tarde, o prédio para o funcionamento foi cedido pela Prefeitura Municipal de Sorocaba onde atualmente se encontra o câmpus Trujillo.

Devido ao crescimento da cidade de Sorocaba e região para atender a demanda, de 1958 a 1988, além do curso de matemática foram criados mais três cursos na área das Ciências Sociais Aplicadas. Em 1973 foram criados os primeiros cursos de pós-graduação *lato sensu* nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, Lingüística, Letras e Artes.

Em 1988, a Fundação Dom Aguirre, com base na legislação vigente na época, iniciou o processo de transformação das faculdades existentes; a Faculdade de filosofia Ciência e Letras de Sorocaba – FAFI, e a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas em Universidade.

O primeiro passo foi em 1992, onde houve a união destas Faculdades e surgindo as Faculdades Integradas Dom Aguirre (FIDA). Em 1994 chegou-se a criação da Uniso, definida como uma universidade comunitária. Já em 1994 eram contratados preferencialmente mestres e doutores, podendo assim criar os primeiros núcleos de pesquisa e extensão.

A partir de 1995 foram criados os cursos de Análise de Sistemas, Direito e Comunicação Social com as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Em 1996, Administração em Comércio Exterior. Em 1997, o curso de Letras passou a ter também a habilitação em Português/Espanhol. Em 1998, Hotelaria, Turismo, Matemática, Terapia Ocupacional, Farmácia e Bioquímica, com as habilitações: Análises Clínicas e Toxicológicas; Fármacos e Medicamentos. Ciência da Computação, Física, Teatro: Arte/Educação, Química, Biotecnologia e vários cursos Tecnológicos.

Na Pós-Graduação, os primeiros cursos de Especialização surgiram em 1973 – Teoria da Literatura, História Contemporânea e Relações Internacionais, ganhando grande implemento incremento a partir da década de 80, com potencial nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, etc.

A instalação da Universidade ocorre no dia 28 de outubro de 1994, em sessão solene, trazendo para a cidade de Sorocaba a primeira Universidade instalada na região. Relata Vannuchi (1994, p.11):

De 15 de março de 1988 – início do Projeto Uniso – até agora, foram 06 anos e meio concentrados na lapidação de um sonho que tinha tudo para se concretizar, desde que embalado sempre pela audácia dos que crêem e pela ternura dos que amam. E esse dia chegou, não obstante o ceticismo doloroso de muitos e posicionamento estrábico de uns poucos.

O grande momento da Universidade, em 30 de julho de 1999, foi a inauguração da Cidade Universitária, o terceiro câmpus, representando um marco no desenvolvimento histórico da Universidade com um projeto estimado em 160.000m² de construção, onde passaram a funcionar os cursos de Administração de Empresas, Administração em Comércio Exterior, Análise de Sistemas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Farmácia e Bioquímica e Terapia Ocupacional. Em 2000, inaugurados, os laboratórios da área da Saúde e em Setembro, os Laboratórios de Hotelaria e Turismo.

Em 2001, começou a funcionar os cursos de Sistemas de Informação e Nutrição e o Curso Superior Seqüencial de Formação Específica em Gestão de Negócios Imobiliários. Em

2002, os cursos de Ciências da Computação e Administração de Negócios. Neste mesmo ano foi criada uma unidade em Tietê.

Em 2002 deu-se início ao desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu*, oferecendo o primeiro mestrado, em Educação.

Em 2003, a Uniso estende para fora de Sorocaba uma unidade na cidade de Tietê, por meio de um convênio firmado entre a Prefeitura Municipal e a Fundação Dom Aguirre. Em 2003 começou a funcionar o curso de Pedagogia e em 2004 o curso de Administração de Negócios naquela unidade.

Já em 2006 começam a funcionar os Cursos Superiores de Tecnologia e através de recomendação da Capes o Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura. Em 2007 a Uniso obteve a recomendação do Mestrado em Farmácia.

2. 3 Identidade, Acessibilidade, Recepção e o Acolhimento.

Ver a Universidade de Sorocaba, Câmpus Cidade Universitária, na ótica da hospitalidade é trazer para a análise a questão do espaço físico onde se acolhe o universitário, o calouro, o professor, o funcionário, o visitante. Pensar na questão da hospitalidade na universidade é passar também pelo campo da arquitetura que deve estar preocupada com o planejamento, os acessos, a circulação, o conforto, os espaços físicos e com a qualidade dos ambientes por onde circulam as pessoas, o que envolve o receber o outro que chega. A inadequação do espaço físico tolhe o direito de ir e vir e de participação social. Para Grinover (2007, p. 85):

O espaço vivido é identificado como espaço total que reúne três dimensões: o conjunto dos lugares freqüentados pelo sujeito (o próprio espaço da vida), as inter-relações sociais imbricadas e os valores psicológicos que são projetados e percebidos. O território realizado, vivido e sentido, mais que referenciado, engloba os lugares que singularizam em suas diferenças pelo seu valor de uso, por seu alcance real: os lugares concretos, (...)

Olhando os ambientes e os espaços físicos da Universidade de Sorocaba, Câmpus Raposo, com estilo pós-modernista em sua arquitetura, onde são criados espaços íntimos e personalizados, submetendo-se ao espetáculo e chegando a uma monumentalidade tradicional erigida pelo ecletismo de estilo arquitetônico (Harvey, 1992, p.69), com suas rampas de

acesso para o fluxo e o encontro das pessoas que por elas transitam em busca da informação, do conhecimento e do outro.

Para Harvey (1992. p. 69):

Enquanto os modernistas vêem o espaço como algo a ser moldado para propósitos sociais e, portanto, sempre subserviente à construção de um projeto social, os pós-modernistas o vêem como uma coisa independente e autônoma a ser moldada segundo objetivos e princípios estéticos que não tem necessariamente nenhuma relação com algum objetivo social, abrangente, salvo, talvez, a consecução da intemporalidade da beleza desinteressada.

A idéia de que o tempo e o espaço não podem ser compreendidos independentemente da ação social, Harvey (1992) considera em particular como o próprio significado e a própria percepção de tempo e do espaço variam, mostrando que estas variações afetam valores individuais e processos sociais que é uma condição da vida pós-moderna marcada por uma sociedade global e sem fronteiras.

Entre outras coisas, laboratórios, salas, biblioteca, sessões e setores, centros acadêmicos, prédios/blocos, praças, ruas e jardins. Tudo isto, apesar de separado constitui uma identidade; a do *Câmpus* da Cidade Universitária. É um lugar de espaços livres, de reunião de pessoas, onde o corpo universitário, professor-aluno e administração, necessitam de um espaço de proximidade e acolhedor para as práticas do ensino, da pesquisa e da extensão (Ilustração 2).



Ilustração 2 – Rampas de acesso que interligam os blocos de salas de aula e áreas de apoio
<http://www.uniso.br/noticias/NotCompleta.aspx?noticia=86> - Acesso em 08/02/2008 7h22

A tecnologia e a arquitetura atuam como agentes facilitadores do ir e vir a lugares e espaços que geram o enriquecimento cultural e o encontro com o outro que chega. A acessibilidade implica suprir barreiras arquitetônicas e urbanísticas, como também de transporte, reconhecendo a inevitável necessidade de locomoção. Neste sentido a Universidade de Sorocaba, com suas rampas e plataformas de interligação entre os diversos blocos oferece a possibilidade do encontro.

A espacialidade associa-se, então, a uma pluralidade de leituras e representações de espaços. Para cada um a universidade possuirá centros de atrações, mas também de repulsa, locais familiares ou próximos, mas também outros que suscitam a estranheza e a distancia, locais de solidariedade e lugares de segregação, locais que se apropriam, que se dominam e locais onde se é dominado.

Para Grinover (2003):

De modo quase intuitivo o viajante, o turista, imigrante quando chega em uma cidade e percorre os espaços que constroem esta forma urbana, é submetido a um sem número de percepções, de situações e de processos importantes de informações. Esses lhe são impostos por elementos tangíveis e intangíveis, que o envolvem e o induzem a comportamentos hospitaleiros, ou não, caracterizados num espaço suficientemente definido, e pelas atitudes dos que dos que habitam esse espaço, perante o “status” de “estrangeiro”.

Ao aprofundar a questão da hospitalidade, nos deparamos com os aspectos de quem recebe e quem é recebido e como este ato pode influenciar a questão da hospitalidade ou da prática da hospitalidade percebida por aquele que é recebido e por quem recebe. Assim, hospitalidade depende diretamente do bem estar proporcionado pelo local. Pensando nisso, a Uniso, utilizou soluções na sua arquitetura com uma forte tendência de modernização dos espaços, cores, acessibilidade e outros fatores.

Ao estar perante outra pessoa, significa estar perante a existência de um mundo que, sendo também interior, está radicalmente separado do nosso próprio mundo. Estamos diante de uma situação extraordinária e paradoxal. Compreendemos então que a única forma de entrar em contato com o outro, de aprender com o segredo pessoal do outro ser humano será através da produção de laços de proximidade. Uma proximidade de caráter dialógico em uma categoria espacial. Para essa razão somos chamados a um constante esforço de aproximação ao outro que, afinal, constitui a grande característica da condição humana. Esta experiência de

relação entre duas pessoas que, em rigor só pode ser vivida como hospitalidade, o que implica no desenvolvimento da capacidade do acolhimento. O outro ao chegar ao nosso mundo na condição de estrangeiro, como alguém que, vindo de uma terra nunca antes possuída ou habitada, abre, com sua presença, uma porta no nosso tempo. A sua chegada quebra, por vezes de forma desagradável e traumática, a lógica da nossa continuidade, que cria um acontecimento novo com a sua chegada.

Para Derrida (2003 A, p. 109):

É o mesmo o senhor, o convidador, o hospedeiro convidador que se torna refém – o que sempre o terá sido, na verdade. É o hóspede, o refém convidado (guest), torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro (host). O hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede (guest) torna-se hospedeiro (host) do hospedeiro (host).

Essas substituições fazem de todos e de cada um refém do outro. Tais são as leis da hospitalidade.

A hospitalidade incondicional, cujo princípio se baseia no acolhimento total e incondicional do outro, independentemente de quem seja e de onde vem; é a promessa da hospitalidade que se traduz na abertura incondicional ao outro, em toda a sua hostilidade, pois a sua chegada é uma ameaça a figura do hospedeiro.

Os termos hospitalidade e hostilidade, baseada na perspectiva de Derrida, são tomados como sendo a questão colocada pelo hospedeiro ao estrangeiro. O primeiro, a hospitalidade absoluta, é vislumbrada numa relação incondicional de aceitação do outro, que evidencia total liberdade em usufruir suas diferenças, um abrigo no qual o hospede sente-se em casa. A problematização proposta por Derrida em torno do conceito de hospitalidade permite-nos pensar as práticas sociais a partir da valorização dos lugares de contato, de interação, de encontro, de mediação e de relação interpessoal numa perspectiva de entendimento do ser humano que têm em si a capacidade do acolhimento. A hospitalidade significa uma casa aberta, exposta.

A questão do lugar e do espaço na universidade, segundo Derrida, “chama para um conflito” por uma espécie de “hostilidade”, de “diferença” (différance). A hostilidade traz em si uma energia que chama o outro para o confronto. Lugar, onde se colocam questões críticas e onde todas as idéias são legítimas, nenhuma submergindo a outra, pois a universidade é um ambiente de debate, de pesquisa, de questionamento, de construção e desconstrução. Para Derrida (2003. p.14), *a universidade faz profissão da verdade. Ela declara, promete um*

compromisso sem limites para com a verdade. Basta um gesto brusco, uma palavra desagradável ou um silêncio para desencadear o conflito. É um espaço do movimento e de movimento, de passagem, de passarelas e de produção em que o corpo docente e discente, estabelece uma relação de poder pelo saber, de domínios, é um trabalho do pensamento e da linguagem para pensar o que ainda não foi pensado ou produzido (Ilustração 3).



Ilustração 3 - IX Semana de Hotelaria onde são discutidos temas da atualidade – Registro fotográfico do Curso em junho 2006

Considerando-se a relação social e a espacialidade das representações, veremos que os lugares mudam em função daqueles que os ocupam, ou seja, a orientação afetiva dos universitários aparece nas práticas acadêmicas e esta em concordância com os lugares escolhidos para estudar. Se o espaço adquire significados, a sua forma e as atividades que são desenvolvidas nestes contextos e ambientes, podem indicar qual é o papel que o ambiente/espço físico exerce sobre as pessoas que nele se encontram. Cria-se uma identidade com o lugar, uma identidade a partir das experiências vivenciadas e esta se constrói e se define na relação com o outro, que é indissociável do lugar e da sua relação com o meio.

Olhando os ambientes e os espaços físicos do Câmpus Cidade Universitária com suas rampas de acesso para o acesso, o fluxo e o encontro das pessoas que por elas transitam em

busca da informação, do conhecimento e do outro. Entre outras coisas, laboratórios, salas, biblioteca, sessões e setores, centros acadêmicos, prédios/blocos, praças, ruas e jardins. Tudo isto, apesar de separado, constituem uma identidade; a do *Câmpus* da Cidade Universitária. É um lugar de espaços livres, de reunião de homens e mulheres, onde o corpo universitário, professor-aluno e administração, necessitam de um espaço de proximidade e acolhedor para as práticas do ensino, da pesquisa e da extensão.

A prática da hospitalidade na universidade pode atuar nas relações e interações, proporcionando significados diferenciados para o estabelecimento e a manutenção de laços interpessoais. O espaço é possuidor de uma densidade única e complexa. Complexa por que o espaço, segundo Ferrara (2002, p.15) *é ao mesmo tempo, cenário e ator das relações encenadas*, é única por que estas relações *se processam sempre nova e singular para cada espaço e para cada lugar*. Assim, cada espaço deve ser compreendido em sua complexidade e em seu contexto territorial para a vivência e a convivência. Nas relações que ocorrem em ambientes institucionalizados, como em organizações formais, onde o dizer, o ouvir e o expressar em um ambiente hospitaleiro, podem ser elementos fundamentais para a prestação do serviço para o outro que chega.

Ao estudar a noção da hospitalidade, Grinover (2002, p.25-26), afirma que a:

Hospitalidade implica em um amplo e complexo contexto sociocultural, a partir do momento em que se criam e se implementam relações já estabelecidas. Portanto, realizam-se troca de bens e serviços materiais e simbólicos entre receptor e acolhido, anfitrião e hóspede, sendo que a noção de hospitalidade emprega-se em diferentes contextos. (...) Mas também é possível ampliar a noção de hospitalidade, englobando a relação que se estabelece entre o espaço físico da cidade e seus habitantes, pois ela abrange não somente a acomodação, mas também a alimentação, o conforto e o acolhimento, proporcionando ao visitante a sensação de bem-estar.

A hospitalidade só acontece e é percebida, se existe a percepção de vínculos na relação entre quem recebe e é atendido. A hospitalidade é humana. Transcende aos atos de simplesmente hospedar, entreter e fornecer algo. É baseada em trocas, em relações, em sentimentos. Depende de pessoas para ocorrer. Ela esta em toda a parte, e quando ocorre, vem do real interesse do ser humano. A hospitalidade não é forçada. É proporcional a uma boa vontade, a presteza e à atenção. Do contrário, a universidade pode ter estruturas arrojadas e impecáveis, mas na prática do atendimento não permite que o aluno, o professor, o funcionário e o visitante se sintam em casa e acolhidos.

A percepção dos lugares esta associada à construção pelos indivíduos de seus mapas cognitivos, ou seja, as pessoas formam uma visão dos lugares por onde passam. Grinover (2007), utiliza como itens básicos e funcionais da percepção o uso urbano e a imagem física de cidade, o que ele chama de *Percepção Urbana*, sendo esta uma prática com valores culturais que se concretizam com a percepção de um determinado local. Tratando-a como um processo de troca entre o observador e o ambiente na qual o indivíduo é o ativo dessa troca, as formas individuais de percepção que atuam direta ou indiretamente no processo de projeção que o indivíduo terá sobre o local. Trata-se de uma relação de troca de valores entre o que esta e o que chega.

A hospitalidade só acontece e é percebida mediante a existência de vínculos na relação entre quem recebe e atende e quem é recebido. Do contrário, a universidade pode ter estruturas arrojadas, modernas e impecáveis na prática dos seus serviços, mas não proporciona e não permite que o calouro, o aluno, o professor, o funcionário e o visitante se sintam na Cidade Universitária, como se estivessem em sua própria casa e à vontade. A hospitalidade propicia às pessoas uma forma de manter ou estabelecer relações por meio de atos fundamentados em trocas. Atos de hospitalidade podem criar vínculos entre os colaboradores de uma organização para que a gestão comunitária seja eficaz.

O calouro ao chegar à universidade é recebido pelos veteranos e coordenador do curso que promovem atividades de integração à vida acadêmica.

O trote, enquanto rito de passagem, se constitui em uma forma de acolhimento, desde que não seja violento. Este apelo tem algo a nos dizer e nos inquietar: de fato estamos oferecendo a hospitalidade? Escreve Derrida (2003 A, p.15):

O estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua política, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão do estrangeiro começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós?

Derrida propõe a resignificação da lei hospitalidade do direito para uma hospitalidade absoluta. *A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito com a lei ou a justiça como direito* (Derrida, 2003 A, p.25). A hospitalidade absoluta é vislumbrada

numa relação incondicional de aceite do outro, que evidencia total liberdade em usufruir suas diferenças, um abrigo no qual o estrangeiro “*sente-se em casa*”. A relação com o outro absoluto: o desconhecido, o anônimo, e o deixe vir, o deixe entrar e chegar, e lhe dê um lugar que lhe ofereço sem nada pedir em troca; ao contrário do contido na lei do estrangeiro, prevista em um estatuto social, para aquele que tem um nome, onde o sujeito está inserido num pacto da hospitalidade do direito, da justiça que possibilita relações de conduta entre os homens e como princípio de sociabilidade. Assim, a hospitalidade, é a abertura do privado ao outro. Para Derrida (2003 A, p.27) *a hospitalidade se torna, se dá ao outro antes que ele se identifique (...), a questão da hospitalidade é a questão da questão*, o outro não é apenas igual a mim, ou semelhante, mas é o absolutamente outro, com um nome que não conheço, mas que devo servir com responsabilidade. Há na hospitalidade derridiana uma obrigação moral que cada um tem para com o outro, e desta forma leva a uma hospitalidade pura ou incondicional. A hospitalidade pura e em sua essência é estar aberto previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue. Já a relação marcada pela hostilidade baseia-se na tolerância, havendo, portanto, uma regra imposta pelo hospedeiro.

A universidade é um espaço onde o saber e o conhecimento se coloca, questionam, constroem-se e aperfeiçoam-se.

3. O PROCESSO DE RECEPÇÃO DE CALOUROS NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA – O CASO DO CURSO DE HOTELARIA

A recepção de calouros na Universidade de Sorocaba está inserida na programação oficial da Universidade, sendo sempre nos primeiros dias de cada período letivo, visando o acolhimento e a integração do novo universitário com a comunidade acadêmica e com o ambiente universitário, tendo como objetivo a substituição do trote violento.

A entrada no ambiente universitário consiste em uma das etapas mais importantes e difíceis do desenvolvimento acadêmico do estudante. Boa parte do seu tempo foi destinada ao estudo para as provas do vestibular, o calouro ainda terá que passar pela iniciação universitária. O estar na universidade passa a ter um novo significado para o estudante e surgem as primeiras preocupações: aceitação por parte do grupo, dos professores, dos veteranos, adaptação às matérias, medo do trote, o estranhamento ao novo ambiente, dentre outros.

Na preparação da recepção aos calouros se trabalha o veterano para que receba bem o calouro que esta chegando e, uma forma de acolher ao que chega é preparar o ambiente, decorá-lo e produzir a melhor comida e bebida e brindar àquele que chega (Ilustração 4).



Ilustração 4 - Atividades de recepção e integração com os calouros do Curso de Hotelaria em 2006. Registro fotográfico do Curso em junho 2006.

Acolher o outro, significa que aceitamos recebê-lo em nosso território, na universidade, no laboratório, no Curso de Hotelaria, colocando à sua disposição o melhor do que somos, temos e possuímos. A hospitalidade permite celebrar uma distância e uma proximidade ao mesmo tempo, e esta experiência é fundamental no processo da compreensão humana no ato de receber; o que implica em acolher o outro enquanto outro, o estrangeiro, todos devem receber bem de uma maneira incondicional, sem a necessidade de se pedir documentos e nem o seu nome.

É no espaço público que a hospitalidade assume a sua dimensão política, com enormes desafios, principalmente para aqueles que chegam. O interesse econômico é o maior causador de estragos, quando seleciona públicos de seu interesse. Neste domínio, a crítica contundente e inflamada de Derrida (1999) brada por uma hospitalidade incondicional. E, em qualquer circunstância pesará o balanço hospitalidade/hostilidade.

A hospitalidade supõe a acolhida, esta é uma lei universal presente em toda humanidade. Segundo Derrida (2003 A, p. 53),

(...) a entrada do estranho deve-se dar abrindo-se o meu espaço, minha casa, meu lar, minha linguagem, minha cultura, minha nação, meu estado e eu mesmo. Se nós decidimos nos abrir, todos estarão aptos a entrar em meu espaço, deixando-o à vontade para deslocar tudo que ele quiser em meu espaço, incomodando, mudando as coisas de lugar e, inclusive destruindo o que quiser, então o pior teria acontecido e eu estou aberto para isso, para o melhor ou para o pior.

A hostilidade é a outra face da Hospitalidade. Quando se vai ao encontro de alguém, “*ad-gredior*” no termo latino que originou o termo agressão. Mas o ritual da hospitalidade traz na sua essência sinais contra a hostilidade envolta em um sorriso àquele que chega ao nosso encontro e o acolhemos, pois a hospitalidade é a interação entre seres humanos com seres humanos, como pessoa humana, compreendendo a sua necessidade e se dispondo livremente a oferecer-lhe o gesto de hospitalidade. Neste sentido Grinover (2003) afirma que:

A hospitalidade é, portanto uma relação espacializada entre dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido; ela refere-se a relação entre um, ou mais hóspedes, e uma instituição, uma organização social, isto é, uma organização integrada em um sistema que pode ser institucional, público ou privado ou familiar.

A forma como recebemos é uma característica da capacidade do ser humano de ir além de si, de ultrapassar-se, transcendendo-se e reconhecendo a sua finalidade última, afirmando valores que só ele seria capaz de fazê-lo naquele momento, daquela maneira.

3.1 O trote como rito de passagem

Segundo Vasconcelos (2002, p.29), o trote estudantil não é uma exclusividade brasileira, muito menos foi inventado no Brasil. Seu histórico pode ser traçado a partir do começo das primeiras universidades, na Europa da Idade Média. Nestas instituições, surgiu o hábito de separar calouros e veteranos, aos quais não era permitido assistirem as aulas nas salas comuns, mas em seus vestíbulos – de onde vem o termo vestibulando. A prática do corte dos cabelos era por motivos de saúde, com o decorrer do tempo passou a fazer parte da entrada dos candidatos aos cursos das universidades européias submetidos às atividades e ordens de um grupo.

O termo trote, alude à forma como os cavalos se movimentam e que se situa entre o passo ordinário, mais lento, o galope e o andar ligeiro. Nesta perspectiva, o animal deve ser domado pelo cavaleiro para manter em um ritmo constante.

Os calouros assistiam às aulas nos seus vestíbulos e os veteranos tinham suas aulas normalmente nas salas. Havia essa separação, para diferenciar os novatos, daqueles que chegam e também para evitar algum tipo de contaminação por doença e sua propagação; assim era raspada a cabeça e queimadas as roupas desses calouros.

Zuin (2002, p.31), relata que em Portugal, os trotes violentos podem ser rastreados a partir do século XVIII na Universidade de Coimbra. Não por coincidência, estudantes da elite brasileira que por lá realizaram parte de seu processo educativo, trouxeram a “novidade” para o território nacional.

No Brasil os trotes violentos causavam desavenças entre esses estudantes. Em 1831 aconteceu à primeira tragédia que foi a morte de um estudante da Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco, a primeira de muitas outras, com referência ao trote violento praticado no Brasil. O medo do trote ainda consiste num dos principais receios do estudante recém-ingresso. As notícias da mídia apavoram o calouro após a notícia da aprovação no vestibular e nos seus primeiros dias de aula. Este rito de passagem consiste em uma das etapas mais importante e fundamental na vida da formação individual do estudante.

Os ritos de passagem podem ser definidos como cerimônias especiais que marcam situações de mudanças particulares para o indivíduo e também sua participação na comunidade onde está inserido. O termo ritual deriva do latim *ritus*, que traduz em si não só um significado religioso, mas também hábitos sociais. Segundo Zuin (2002, p. 27):

A essência do rito é, portanto, a repetição de um comportamento estereotipado. E a repetição de tal ato tem, como principal função, ao de proporcionar aos membros do grupo o compartilhamento de um modo de significados e papéis que lhe delimita as respectivas identidades individual e coletiva.

A expressão *rito de passagem* foi cunhada por Arnold Van Gennep, em 1909, para descrever o processo pelo qual o indivíduo, ao mover-se de uma situação social para outra, recebe aceitação e reconhecimento. Van Gennep (1978), considera os rituais em sua constituição básica como “ritos de separação, de margem e de agrupação. Estas podem ser percebidas na maior parte dos rituais em diferentes grupos sociais. Van Gennep, chama a atenção para uma visão geral do ritual e a importância de analisar todas as fases, o antes e o depois, já que todas são relativas umas às outras. É nesse sentido que se compreende a afirmativa do autor: *para os grupos, assim para com os indivíduos, viver é continuamente desagrupar-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer* (Van Gennep, op. cit; p.157).

Os ritos de iniciação marcam a transição de um status social para outro (morte e renascimento simbólico). A iniciação pressupõe um antagonismo entre os que estão de fora e aqueles que fazem parte do grupo: a lógica da iniciação, possui uma linguagem e um simbolismo.

Segundo Van Gennep (1978, p.29):

Todos os rituais de passagem apresentam três fases: separação, limiar e agregação. A fase de separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições sociais ou ambos. A fase limiar é uma etapa transitória, um estar no meio entre posições. A fase de agregação finaliza a passagem.

Assim, se reproduz um processo psicossocial de integração que vem desde a Idade Média e que esta arraigada nos aspectos da personalidade humana. O entrar em um grupo requer muitas vezes um ritual, o de iniciação. O trote passa a ser desejado pelo calouro, após ver pessoas próximas passarem por isto, pois significa também que ele fará parte de um

determinado grupo social. O ritual requer e inclui esta prática. Ele é simbólico, não mutila e nem mata. O trote com pintura, pedágio e corte de cabelo é considerado, portanto, um ritual tradicional na passagem do estudante à vida universitária.

Para Zuin, (2002, p. 28):

No que se refere ao trote como rito que marca a passagem para a integração na vida universitária e, por que não dizer, como um dos ritos que simboliza a transição da adolescência para a vida adulta na nossa cultura, nota-se a presença de comportamentos estereotipados demarcados por tonalidades violentas e vexatórias.

Desta forma, ter o corpo pintado e fazer pedágio (pedir dinheiro nos faróis para custear uma festa) faz parte da comemoração de passagem desta fase da vida do universitário. É uma forma de exposição pública de que se conseguiu passar no vestibular, exibindo inclusive o nome da universidade.

Para Teixeira (1998, p. 29):

(...) o rito de passagem da fase criança para a de adulto em nossa cultura também se dá nesse molde. A fase da separação se iniciaria no final do ensino médio, quando os estudantes começam a serem afastados do convívio social para se dedicarem aos estudos para o vestibular. A limiaridade seria o período que vai do final do ensino médio até a divulgação do resultado do exame vestibular, finalizando com a fase da agregação, que vai da matrícula na universidade até os primeiros meses de aula (isto para os que passam no vestibular).

Ele diz ainda que o vestibular não é exatamente um ritual de passagem, mas sim, uma barreira social que foi ritualizada.

Desta forma, a vida é marcada por momentos e rituais de passagem representativos de crescimento. Nestes rituais, a prática da hospitalidade, quando presente, marca ainda mais esses novos estágios, deixando experiências e vivências que o mesmo levará como uma nova etapa na vida social (Ilustração 5).



(Ilustração 5) Recepção dos calouros em 2006 – Atividades de integração. Arquivo do Curso de Hotelaria.

A recepção humanizada aos calouros é salutar para o convívio universitário e permite aos calouros, e não os “bichos”, como eram vistos na Idade Média, que compreendam a universidade e passem a conviver em um novo ambiente com autonomia. A recepção deve ser vista na perspectiva de um rito de passagem e de iniciação a vida universitária, de integração na vida social e cultural, capaz de desperta-lhes para o novo ambiente, o universitário, sendo pessoas capazes de estabelecer seus próprios limites de intervenção na sociedade.

3. 2 A Hospitalidade e a Tolerância

Derrida (1997) ao tratar da hospitalidade, parte do princípio da irreducibilidade do outro ao mesmo tempo, e por isso considera as palavras tolerância, fraternidade e integração como insuficientes para o novo cosmopolitismo, ou seja, não é o simples apagar das diferenças culturais e nem de uma convivência pacífica, mas, partindo da aceitação do princípio da diferença, ou mesmo da hostilidade entre as culturas em um processo constante de negociação da convivência.

Para Matos (2008):

A partir da Revolução Francesa e com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, seus valores passaram a constituir o ideário mais nobre do humanismo moderno. Sua transmissão se faz, na alternância das gerações, pela ação formadora do caráter na vida privada e da tolerância no espaço público.

A questão da tolerância, como um valor imprescindível para o desenvolvimento das relações entre os homens, mostra-se ainda mais complexa, à medida que se cruzam as relações entre as sociedades por serem cada vez mais globalizadas, onde se movimentam não só bens e serviços, mas sobretudo pessoas. É uma maneira pela qual os indivíduos perpetuam o ideal de aperfeiçoamento das relações sociais, sendo fundamental que cada um respeite o outro por aquilo que ele é, ainda que seja diferente. O princípio da tolerância é o fundamento para o conhecimento dos direitos universais do homem e do estado democrático de direito. As condições de vivência pacífica requerem uma desconstrução da noção de tolerância. Derrida prefere enaltecer a virtude da hospitalidade à de tolerância. É o que ele denomina de “hospitalidade incondicional”.

A tolerância, do latim *tolerare* (sustentar, suportar), de *tolere* ‘tirar’, no sentido originário de suportar. É um termo que define o grau de aceitação diante de um elemento contrário a uma regra, não podemos perder de vista seu caráter emblemático e de valor de resistência ao arbítrio e à perseguição, à violência política e privada, à inquisição judiciária e policial. Tolerar nos traz a concepção entre o forte e o fraco, entre o estrangeiro e o não estrangeiro. A relação de tolerância implica a asserção do poder e, ao mesmo tempo, limite, a condição de possibilidade de tolerância. Não é o mesmo que acolher o outro de forma incondicional. Para Derrida “a tolerância é antes de qualquer coisa, uma forma de caridade”, enquanto uma virtude de natureza cristã. Na perspectiva desse conceito, Derrida nos coloca

em um limite, onde todos os seres humanos deveriam ser respeitados e respeitadores das diferenças humanas, o que levaria as pessoas a viverem de outra forma, pois a tolerância seria o limite da hospitalidade. Ao ser interrogado sobre a questão da tolerância, Jacques Derrida afirma que a tolerância não é uma condição de hospitalidade, pois ela é o seu oposto: (2004, p 137):

Se alguém acha que eu estou sendo hospitaleiro porque sou tolerante, é porque eu desejo limitar minha acolhida, reter o poder e manter o controle sobre os limites do meu “lar”, minha soberania, o meu “eu posso” (meu território, minha casa, minha língua, minha cultura, minha religião etc.).

Neste sentido, nenhum indivíduo está tão à beira de situações constrangedoras como o outro que chega de uma longa viagem a outro lugar e não encontra o acolhimento e a porta aberta para entrar e falar. O *outro* é por nós compreendidos como aquele que nunca antes esteve presente ao nosso encontro, ou seja, aquele que inelutavelmente rompe meu solipsismo, na medida em que chega de *fora*. O *outro* rompe com a segurança de meu mundo, ele chega sempre inesperadamente, dá-se em sua presença não antevista, sem que eu possa, sem mais, anular essa presença e seu sentido. A prática da hospitalidade traz em seu bojo um ritual que extermina a prática da hostilidade. O sorriso expresso ao receber o que chega com um cumprimento exprime o acolhimento e estabelece o vínculo social. O sorriso manifestado pelo hospedeiro engloba toda a mensagem da hospitalidade, representando a parte pela qual o outro ingressa em nosso espaço físico, emocional e intelectual. O sorriso traduz o sentimento do eu estou feliz em recebê-lo e acolhê-lo em minha casa, em meu espaço. O sorriso, um dos maiores gestos e expressões do ser humano e em suas atividades para com o outro. É um gesto universal. Ao contrário, a hostilidade pode nascer em situações aonde aquele que chega a busca de algo que necessita e não encontra atenção e nenhum gesto de receptividade; o que gera insatisfação, constrangimento e nervosismo. Ao contrário, a hospitalidade é interação entre pessoas como seres humanos em lugares preparados e com a finalidade de promover a interação.

Derrida descreve que (2005. p.30):

A palavra “hospitalidade” vem aqui a traduzir, levar adiante, re-produzir, as outras duas palavras que lhe tem precedido “atenção” e “acolhida” [...] uma série de metonímias dizem a hospitalidade, o rosto, a acolhida: atenção para com o outro, intenção atenta, atenção intencional, sim ao outro. A intencionalidade, a atenção à palavra, a acolhida do rosto, a hospitalidade, são a mesma coisa, mas o mesmo enquanto acolhido do outro, ali onde se subtrai ao tema.

A hospitalidade é uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitante e anfitrião, na ação atenta e acolhedora àquele que chega. Aquele que hospeda oferece a sua hospitalidade, sua casa, ao outro, ao estranho, o estrangeiro e acolhe-o afetuosamente. As preocupações derridianas em torno das questões do cosmopolitismo universal colocam a hospitalidade como elemento essencial no âmbito da vida humana. Não apenas como uma idéia universal reguladora, mas como uma marca nas relações interpessoais, seja qual for o seu contexto de realização. Em todas as esferas da atividade humana, na diversidade de territórios da sociabilidade das pessoas, nos espaços privados ou públicos, é necessário instituir a hospitalidade como prática mediadora da humanidade do homem.

3. 3 O trote solidário como alternativa ao trote violento

O trote solidário surgiu como uma nova proposta de acolhida aos calouros, em repulsa ao chamado “trote violento” que desde 1495 foi proibido por meio de um decreto na universidade de Heidelberg. Segundo Zuin (2002, p.31), os veteranos da universidade de Heidelberg viam os calouros como:

(...) uma fera que devia ser aculturada por meio de provações, tais como beber uma taça de vinho que continha, na realidade, urina, ou mesmo pelos do nariz e os cabelos arrancados, pois eram considerados animais peludos que deviam ser depilados em nome dos costumes “civilizados”.

Depois da satisfação e da alegria de ter sido aprovado no vestibular, vem o medo, um sentimento que convive com a satisfação de ver que meses de estudo, dedicação e empenho

deram bons resultados. Agora o calouro convive com a preocupação do trote, ritual de iniciação à vida universitária que não raro ganha as primeiras páginas dos jornais pelas características violentas de agressão e humilhação. Esse é um sentimento que ronda e preocupam muitos a partir do momento que recebem a notícia de que foi aprovado em um curso superior.

A acolhida aos calouros com a idéia de comemorar a vitória e a conquista dos estudantes, mas sem violência, pelo contrário com a solidariedade em relação às entidades e comunidades carentes, através da doação de alimentos, objetos, roupas e a doação de sangue trazem uma nova proposta ao chamado trote universitário.

As próprias universidades vêm ao longo dos anos, desde a introdução do trote em 1800 no Brasil, por estudantes brasileiros vindos da universidade de Coimbra e que teriam passado por esse processo em Portugal, se preocupam com esta questão. Os meios de comunicação (Ilustração 5) também vêm combatendo o chamado “trote violento” em detrimento ao trote solidário.

Calouros chamam atenção nos cruzamentos

Apesar da adoção, nos últimos anos, dos trotes solidários na recepção dos calouros recém-chegados às faculdades, os universitários ainda não abandonaram a forma "tradicional". Eles fazem pinturas nos rostos dos novatos e exigem que eles realizem pedágios nas principais avenidas da cidade.

Ontem, com o começo das aulas em algumas instituições de ensino superior, os cruzamentos das avenidas Washington Luiz e Pereira Inácio, Barão de Tatuí e Antônio Carlos Comitre ficaram repletos de universitários fazendo trote nos alunos calouros conhecidos como "bixos". Entre essas pessoas estavam os alunos de biologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Segundo os alunos veteranos, que organizaram os trotes, o dinheiro recolhido pelos "bixos" durante as duas horas de pedágio servirá para realização das festas de recepção dos novos alunos e para organizar palestras durante o ano.

"O pedágio é tradição. Até os calouros esperam ser pintados quando entram na faculdade", defendeu Carlos Santana, que cursa o terceiro ano de biologia na PUC. Ele também disse que na próxima quinta-feira os universitários pretendem realizar trotes solidários, que terá na programação a coleta de medicamentos e alimentos para instituições de caridade da cidade.

A recém-chegada ao grupo dos universitários, Marina Lara Munhoz, gostou da recepção dos veteranos e só reclamou do sol, enquanto pedia dinheiro aos motoristas que paravam no semáforo.

"Estou achando muito engraçado", disse Marina. Outro



Na Washington Luiz com Pereira Inácio, "bixos" da PUC

"bixo", Fernando Piai, também reclamou do sol, mas revelou que ficaria frustrado caso não houvesse o trote.

Trote solidário

Os veteranos da Universidade de Sorocaba (Uniso) resolveram incentivar os alunos calouros a arrecadarem brinquedos, livros e alimentos não perecíveis para serem doados a 34 entidades assistenciais da cidade e região. As caixas para os depósitos das doações estão espalhadas pelos câmpus ou na coordenação dos cursos. Em alguns cursos também ocorrem arrecadações especiais, como o de farmácia, cujos calouros arrecadam medicamentos à Farmácia Comunitária Vital Brazil, mantida pela Uniso e PUC-SP.

A arrecadação faz parte da campanha do trote solidário,

instituída pelo curso, em que cada aluno é responsável por arrecadar no mínimo 500 caixas de medicamentos, fazendo ainda um relatório sobre suas propriedades farmacêuticas.

A Farmácia Comunitária, localizada na rua Seme Stefano, 13, no Jardim Faculdade, fornece gratuitamente medicamentos à comunidade de Sorocaba e região, com a apresentação de receita do Sistema Único de Saúde (SUS).

Já os calouros de Biotecnologia estão arrecadando livros infantis para o Hospital Sarina Rolim Caracante, do Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil (Gpaci). Os calouros de Relações Públicas farão arrecadações em empresas, para desenvolver uma série de atividades culturais no "Lar dos Velhinhos", em 3 de março.

Sobre essa relação do trote, sendo considerado um rito de passagem, o autor Zuin (2002, p.16) diz que:

(...) o trote universitário passa ser identificado como um rito de passagem cuja violência física e psíquica é justificada como uma tradição que deve ser perpetuada durante o processo de integração entre os calouros e os veteranos das universidades. É como se os agentes educacionais fossem simpáticos à manutenção desta tradição que se transforma numa segunda natureza, de tal modo que parece não haver outra alternativa de integração a não ser aquela pautada na humilhação física ou moral.

Uma série de ações e iniciativas vêm se destacando contrárias às conseqüências da prática violenta entre veteranos e calouros. Várias leis específicas como a do Estado de São Paulo, promulgada em 20 de dezembro de 1999, decreto lei Nº. 10.454 *dispõe sobre a proibição do trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores....*

Lei Nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999.

(Projeto de lei nº 244/99, do deputado Faria Júnior - PMDB).

Dispõe sobre a proibição de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - É vedada a realização de trote aos calouros de escolas superiores e de universidades estaduais, quando promovido sob coação, agressão física, moral ou qualquer outra forma de constrangimento que possa acarretar risco à saúde ou à integridade física dos alunos.

Artigo 2º - Compete à direção das instituições públicas de ensino superior:

I - adotar iniciativas preventivas para impedir a prática de trote aos novos alunos, segundo disposto no artigo 1º e respondendo a mesma por sua omissão ou condescendência;

II - aplicar penalidades administrativas aos universitários que infringirem a presente lei, incluindo expulsão da escola, sem prejuízo das sanções penais e civis cabíveis.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 20 de dezembro de 1999.

MÁRIO COVAS

José Aníbal Peres de Pontes

Secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico.

Celino Cardoso

Secretário - Chefe da Casa Civil

Antonio Angarita

Secretário do Governo e Gestão Estratégica

Publicada na Assessoria Técnico - Legislativa, aos 20 de dezembro de 1999.

As universidades têm o papel fundamental de estimular ações de cidadania e solidariedade, refletindo uma mudança de mentalidade e originando os chamados “trotes solidários” ou trote cidadão, nos quais os ingressantes se empenham em campanhas que incentivam boas práticas e contribuem para as práticas de cunho social. Essa é uma luta constante por parte das universidades com o intuito de eliminar ou amenizar os trotes violentos, que traz bons resultados para todos, com o objetivo de despertar nos estudantes para a prática da cidadania, de atitudes solidárias e de respeito ao próximo. O propósito é favorecer a convivência e a integração entre calouros e veteranos e entre ambos com a universidade, além de contribuir para com a comunidade local. Com estas práticas, com o passar do tempo, baseando-se nestas vivências de acolhimento, a tendência do trote violento e forçado é diminuir e, conseqüentemente, aumentar a adesão aos novos trotes, os quais visam beneficiar a comunidade em geral.

A recepção aos calouros quando acolhedora e hospitaleira persiste em muitos lugares como meio de celebração do acolhimento de novos integrantes pelos grupos e organizações universitárias. Em muitos lugares, a cerimônia de pintura e corte de cabelo dos calouros, ainda dividem espaço com as posturas e ações de atividades solidárias. Para o professor e psicólogo Antonio Zuin (2002); *a violência dos trotes é simbólica*; pois as pessoas hoje estão *dessensibilizadas* pela banalização da violência presente na atual sociedade, o que contribui para que o trote não seja considerado um desrespeito.

Segundo Zuin (2002, p. 42):

Se, na sociedade da indústria cultural hegemônica, o ético se transforma no estético que, por sua vez, condiciona a própria existência do indivíduo, então se compreende os anseios das mães de que seus filhos portem sinais que indiquem seu sucesso no vestibular da universidade (...), o preço da exibição de tais sinais é a humilhação à qual seus filhos são submetidos? Não importa se paga com o prazer, pois o que interessa é poder impressionar.

Receber e acolher é a máxima da prática da hospitalidade, que se manifesta em diferentes atos e atitudes.

3.3 A recepção dos calouros no Curso de Hotelaria

Para a recepção dos calouros no curso de Hotelaria na Universidade de Sorocaba se unem a coordenação, corpo docente, funcionários, estagiários e veteranos, com o objetivo de receber e acolher os calouros com atividades de integração. A satisfação de receber seus novos colegas é um incentivo para a integração e a participação no dia-a-dia na vida acadêmica para os que chegam. Esse grupo passa a pensar e a planejar as atividades de recepção, acolhimento e integração dos calouros no contexto do curso de Hotelaria. São preparados jogos cooperativos, dinâmica em grupo, desafios, cantigas (Ilustração 6), apresentação do curso e sua estrutura (Ilustração 7), bem como um coquetel regado com música em um ambiente especialmente decorado de forma a proporcionar a integração, a descontração e acolhimento àquele que chega.



Ilustração 6 e 7 - Atividade de recepção e integração dos calouros do Curso de Hotelaria em 28/01/2007.

Estimula-se o interesse dos alunos veteranos em participar na organização e realização das atividades e o desejo de receber os novos alunos de uma forma hospitaleira que é à base de todo o curso de Hotelaria; o saber acolher o que chega, de uma forma integradora e lúdica, com respeito pelo outro, diferencia-se das práticas do tradicional trote. Considera-se a necessidade de receber os novos alunos na perspectiva da linha formativa do curso, a prática da hospitalidade, de modo a estabelecer e fortalecer as inter-relações, a confiança e a alegria entre os veteranos e calouros e destes com o corpo docente e a coordenação do curso, sabendo que a nova realidade com a qual se deparam, gera-lhes, também, ansiedade e insegurança.

Esta forma de acolher aquele que chega, além de favorecer a integração no meio universitário, provoca o envolvimento progressivo à comunidade acadêmica nas propostas do ensino, da pesquisa e da extensão. A apresentação da estrutura da universidade é conduzida, em alguns momentos, por alunos envolvidos na recepção aos calouros e, em outros, pela reitoria e por funcionários das diversas áreas e departamentos da Uniso.

Faz parte do programa, o envio de uma carta convite, elaborada especialmente para esta data e encaminhada aos ingressantes, dando-lhes as boas vindas antes mesmo de chegarem à universidade. Os calouros, por sua vez, aguardam com expectativa o primeiro dia na universidade e se perguntam, como serão recebidos? E o trote? Como serão as aulas, os novos colegas e os professores? Desta forma, ao receber em suas residências um convite para participar das atividades de recepção aos calouros, abrem-se a oportunidade ao diálogo e à troca com os colegas, professores, técnicos e a coordenação do curso que os estarão recebendo no meio universitário.

Os calouros em suas buscas de identidade e expectativas, presentes no momento em que fazem o contato com um curso superior, estão atentos aos modelos que lhes são apresentados. Desta forma é importante que predomine o modelo pedagógico de diálogo, participativo e hospitaleiro, favorecendo o seu desenvolvimento no meio acadêmico com experiências significativas. É um momento importante para àquele que chega e é recebido por colegas do próprio curso no laboratório de hotelaria, local especialmente preparado para as práticas hoteleiras e um espaço para a convivência.

No decorrer do semestre, acontecem outras atividades que são organizadas a partir das reuniões do colegiado do curso, dando continuidade ao processo de integração e participação na comunidade acadêmica. Acontecem viagens e visitas técnicas, a semana de hotelaria, um evento organizado pelos próprios alunos e corpo docente, participação em feiras e congressos, encontro de iniciação científica e participação de eventos da comunidade. Em sala de aula, os

professores abordam a questão da escolha da profissão, mercado e oportunidades, a motivação na escolha pela área, o que permite compreender os aspectos e a dimensão dessa profissão, principalmente a questão da hospitalidade, o receber e acolher o outro que chega.

A respeito do que estamos tratando, Severino, (In Zuin, 2002, p.10) afirma que:

Nem a tentativa de substituição dos chamados trotes violentos por algumas práticas consideradas solidárias garante, por si só, a substituição de ações sado masoquistas por uma experiência verdadeiramente integrativa e, conseqüentemente, também formativa, como era de se esperar, entre calouros e veteranos. Essas tentativas não passam de precárias sublimações, que mais racionalizam e justificam socialmente, de forma um tanto hipócrita, uma festa bárbara, em que o sadomasoquismo se associa, ainda, a mercantilização dos emblemas sociais a manipulação do prestígio de se entrar na universidade.

Assim, a questão da hospitalidade na universidade requer a compreensão e um olhar para os diversos ambientes, realidades e espaços existentes na universidade, uma vez que sua análise e aplicação estão inteiramente ligadas às relações humanas e nos processos de socialização. A principal função da hospitalidade é estabelecer relações humanas e, conseqüentemente, propiciar a convivência entre os universitários por meio de atos baseados em troca de bens materiais e simbólicos que auxiliam na manutenção da subsistência e do fortalecimento dos núcleos sociais. Neste sentido, Grinover (2002, p.25) diz que:

(...) o estudo da hospitalidade implica um amplo e complexo contexto sociocultural, a partir do momento em que se criam ou implementam relações já estabelecidas. Portanto, realizam-se troca de bens e serviços materiais ou simbólicos, entre o receptor e o acolhido, anfitrião e hóspede, sendo que a noção de hospitalidade emprega-se em diferentes contextos.

Há contextos e acontecimentos, que segundo Derrida (2003 A) surge *independentemente da vontade dos sujeitos, embora esteja relacionado até certo ponto ao empenho e às responsabilidades destes*. Dar, acolher e retribuir é obrigações das atitudes hospitaleiras, onde as estruturas físicas, assim como as pessoas que se envolvem neste processo e que concretizam os vínculos sociais.

Escreve Derrida (2003 A, P.15):

(...) o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está o dever de hospitalidade (...). Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda que fale a nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós?

A hospitalidade como processo social é o resultado de interações e troca entre os envolvidos no processo de busca e de oferta do acolhimento.

4 Considerações Finais

Retomando os pontos investigados, observamos que a questão da hospitalidade e toda a sua complexidade nos escritos de Jacques Derrida, a cerca e a torna caráter único ao englobar o indivíduo como elemento central de uma conceituação. É o hóspede que define se considera algo hospitaleiro ou não utilizando a percepção como elemento mediador dessa definição. Uma experiência só será bem percebida, bem vivida, se o hóspede interagir de forma ativa e direta com o local, com as pessoas, com o espaço e com a cultura do lugar e fazer a experiência do pertencimento desse espaço. O lugar por excelência da hospitalidade não é o dentro ou o fora, mas o limiar, a zona de trânsito. Num sentido físico, a proximidade designa o intervalo que separa dois pontos no espaço, pondo em cada um a sua continuidade. A proximidade funciona como uma relação de contigüidade, referindo-se a dinâmica interpessoal, à experiência de contato, de sensibilidade, de vizinhança entre seres humanos. Em um primeiro momento, a hospitalidade enquanto ato de acolher o outro enquanto outro aparece como condição para a prática da hospitalidade pura e conceitual. O outro, na subjetividade, desperta um sentido ético e se mantém próximo de mim.

O *outro* é compreendido como aquele que nunca antes esteve presente ao nosso encontro, ou seja, aquele que rompeu com a minha solidão na medida em que chega de fora, fora do âmbito. O outro rompe com a segurança do meu mundo, ele chega sempre inesperadamente, e não posso ignorar essa presença e seu sentido: o outro é de outro modo.

A ação e a interação dos indivíduos proporcionam uma dinâmica na vida universitária de contatos e de reflexões e a hospitalidade, enquanto forma de relacionamento se expressa por meio da generosidade das pessoas, como um vínculo entre elas, um pretexto para o não isolamento, para *sentir-se em casa na casa do outro*. E até mesmo balbuciar a língua do outro, pois *falar a mesma língua é partilhar a cultura*. A universidade deve ser acolhedora pelos seus próprios gestos no atender, no se apresentar e no olhar; nos espaços, no paisagismo, pois a relação que se estabelece no momento do acolhimento é o elemento básico em todas as ações de interação entre os seus diversos organismos. O espaço abriga as experiências que estão sendo realizadas pela apropriação da linguagem, do conforto ambiental, da funcionalidade, criando também expectativas futuras. A forma do espaço tem o poder de influenciar a maneira de pensar, agir e sentir. A universidade não é um lugar indiferente, é uma diferença, é um lugar explosivo, onde há dificuldade em querer-dizer, em querer-se-dizer (Derrida, 1999, p25).

Não podemos ver o outro como um opositor, mas aprender a aceitar e a conviver com o outro como ele é e pensar que esse seria um exercício da hospitalidade. O Outro é presença viva, que se auto-impõe, independentemente de qualquer atribuição de sentido e de qualquer contexto sociológico. O outro chega inopinadamente, como algo inesperado, imprevisto. Aqui está, um estrangeiro que bate à minha porta e perturba a paz de meu lar. Este encontro – que tira dele alguma ilusão e de mim alguma frágil certeza – faz com que eu entre no seu mundo e ele no meu. Meu incômodo se transforma em reconhecimento e o potencial choque em reconciliação. Ora, podemos falar deste encontro com a retórica da hospitalidade? E mais, podem os direitos do estrangeiro substituir os direitos do anfitrião? A hospitalidade implica uma reciprocidade que só se dá nos termos de um diálogo que só existe enquanto for diálogo de ambos, com um terceiro que nunca parecerá como tal. O encontro com o *estrangeiro*, ao ouvir a sua linguagem, possibilita o encontro do ensinamento, da aprendizagem.

A hospitalidade *pura* para Jaques Derrida, não se fundamenta no convite ou na relação, mas é aquela que deve estar aberta para aquele que não é *esperado nem convidado*, o totalmente estrangeiro que chega para a convivência e a inter-ação com o anfitrião, criando laços e participando do dia-a-dia.

Nas palavras do filósofo Jacques Derrida (2003 A, p.69):

(...) a lei da hospitalidade, a lei incondicional da hospitalidade ilimitada (oferecer a quem chega todo o seu *chez-soi* e seu *si*, oferecer-lhe seu próprio, nosso próprio, sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição).

A relação com o *outro* só pode ser feita a partir desse ser separado, é preciso à interioridade, que deve ser ao mesmo tempo fechada e aberta. Ou seja, é preciso ser, existir plenamente, mas estar aberto a esse encontro, em que o *outro* arranca o Eu de seu fechamento lhe empurrando a uma exterioridade, ao infinito. A linguagem dos estrangeiros necessita, portanto ser acolhida para que possa comunicar. Não podemos compreender a língua estrangeira relacionando-a com os sentidos que assume em nossa língua. O encontro com o estrangeiro, ao ouvir a sua voz, possibilita o encontro do ensinamento. O rosto do outro que se apresenta, traz em si uma língua nova, não conhecida, diferente e que rompe com o que poderia ser comum, mas ao mesmo tempo, é isso que permite a construção de uma nova relação: a do outro absoluto. A estranheza do *outro* é sua apresentação original, que não possui uma origem de sentido em mim, como uma imagem que conheço e a reconheço, a

partir de suas principais características físicas, cor, altura e impressões e de sua personalidade, como uma pintura sempre imperfeita do *outro*, mas que permite seu reconhecimento.

Para Derrida (2005, p.53):

(...) o outro é sempre estrangeiro que não fala a minha língua. Que põe-se em minha frente e coloca a sua questão. Questão que eu ouço e se ouço não entendo, pois estou ocupado em colocar minha questão ao estrangeiro. Nesse afã de entender e conhecer esse Outro que chega a minha porta não posso (não quero) perceber a questão do estrangeiro.

O Outro como absolutamente diferente desestrutura o lugar e o tempo seguro. Ninguém sabe o que o *outro* quer dizer a não ser que estejamos abertos para a escuta, pois nem aquele que fala sabe quem é, nem quem é o outro. Nesse sentido, afirmamos que cada vez que encontramos outra pessoa entramos em contato com um segredo, com um universo totalmente desconhecido e distinto de qualquer realidade existente. Compreendemos então que a forma de entrar em contato, de aprender, com o segredo pessoal do outro ser humano será através da criação de laços de proximidade.

A hospitalidade pode estar presente em diferentes momentos na vida da universidade. Desde o momento de um contato telefônico, pelo aluno, professor, funcionário ou visitante que ao chegar aos diversos setores da universidade, poderá ser acolhido ou não e ser considerado um estranho e conseqüentemente não se sentir em sua própria casa. Não podemos falar em hospitalidade na universidade, sem falar das práticas e das relações que se estabelecem no contexto da universidade.

Quando estudamos a hospitalidade na universidade em sua visão macro, identificamos que esta pode estar presente em diversos ambientes e serviços que são prestados à comunidade acadêmica. *O ser uma universidade que, através da integração do ensino, pesquisa e extensão, produza conhecimento e forme profissionais, em Sorocaba e região, para serem agentes de mudança social, à luz de princípios cristãos*, requer uma prática hospitaleira. O fato de integrar ensino, pesquisa e extensão pressupõem a prática da hospitalidade, que neste momento se compara com uma percepção da qualidade do atendimento, além dos detalhes como: a arquitetura, os espaços, acessos, informações, ambientes, sensações que remetem à percepção do acolhimento e conforto. Na análise dos espaços, podemos observar que as pessoas que se envolvem neste processo, praticam algo que

está além do que foi firmado em seu contrato, o que gera um ambiente e uma ação da hospitalidade percebida.

No trabalho que se apresenta, entendeu-se a pesquisa teórica na perspectiva de Jacques Derrida, e tendo como terreno a Universidade de Sorocaba, ou mais especificamente a Cidade Universitária no que se refere à prática da hospitalidade na recepção aos calouros do Curso de Hotelaria. A prática da hospitalidade é fator fundamental para o acolhimento do “outro” que chega, o calouro, o professor e o veterano. A sua prática irá determinar o processo de interação e a construção dos relacionamentos humanos no seio da universidade e dos relacionamentos construídos socialmente. Nesse sentido, propomos ao longo desta dissertação que a prática da hospitalidade se estabelece desde a chegada do outro, dos vínculos que se estabelecem através do acolhimento. Quanto maior for a sua prática, maior a facilidade com que as pessoas irão interagir e se sentirem acolhidas dentro do ambiente universitário, criando um vínculo entre as pessoas do grupo. Essa forma de ser e estar na universidade vai contribuindo para a permanência do calouro no ambiente acadêmico por meio da rede de relacionamentos que se estabelece e nas experiências vivenciadas, logo ao chegar à universidade. Não será alheio a este fato, por um lado, a existência de um programa formal de acolhimento ao calouro em detrimento ao trote tradicional, violento e que não acolhe, que desrespeita o outro, uma vez que um programa de recepção aos calouros modifica e torna a recepção uma prática hospitaleira, capaz de produzir massa crítica desde o início da vida acadêmica.

Neste sentido, o trote pode ser parte de um projeto educativo que acabe gerando universitários capazes de estabelecer seus próprios limites de intervenção na sociedade, onde *a minha relação com o Outro se deve pautar pela sua recepção e acolhida, e na escuta à questão do outro.*

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

DERRIDA,(A) Jacques. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. **O Olho da Universidade**. Trad. de Ricardo Luri Canko e Ignácio Antonio Neis. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. (B) **Uma Universidade Sem Condição**. Trad. de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. **Torre de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. (C). **Nada de Hospitalidade, Passo da Hospitalidade**. In DERRIDA, Jacques; DUFORMANTELLE, Anne. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. **Margens da Filosofia**. Tradução Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade**. Rio de Janeiro: Escuta 2001.

_____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jaques. & ROUNDINESCO, Elisabeth. **De que Amanhã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

FERRARA, Lucrecia DÁlesio. **Design em Espaços**. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

GENNEP, Arnoud Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

GRINOVER, Lúcio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

_____. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de. (Org.) **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

_____. Comunicação e sociedade: **A comunicação e a hospitalidade em territórios urbanos**. In: XXVI Congresso da INTERCOM, 2003, Belo Horizonte, MG, p.1.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

MATOS, Olgária. **Sociedade: Tolerância, confiança, amizade**. Disponível em www.culturabrasil.pro.br/direitoshumanos2.htm. Acessado em: 23 set.2008.

SARAIVA, Karla. A babel eletrônica – hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: KILIAR, Carlos (org.). **Derrida & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SKLIAR, Carlos (org.). **Derrida & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

STRATHERN, Paul, **Derrida em 90 minutos**. Trad. Cássio Boechat, Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

VASCONCELOS, Paulo Denisar. *A violência no escárnio do trote tradicional*. Santa Maria, UFSM, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. *A Universidade Comunitária*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____, Alocução do prof. Aldo, primeiro reitor da Uniso. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, V. 21 nº 1, p. 11-12, dez. 1994.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *O trote na universidade*. Passagens de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez Editora, 2002.